



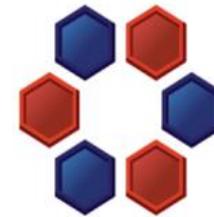
OUI-IOHE
IGLU

CURSO IGLU BRASIL 2015

para

DIRIGENTES UNIVERSITÁRIOS

Florianópolis – SC - Brasil



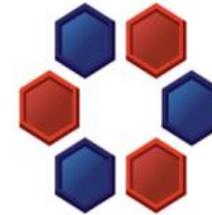
Instituto de Pesquisas e Estudos
em Administração Universitária

Internacionalização da Educação Superior e Mobilidade Acadêmica



OUI-IOHE

ORGANISATION UNIVERSITAIRE INTERAMÉRICAINÉ
INTER-AMERICAN ORGANIZATION FOR HIGHER EDUCATION
ORGANIZACIÓN UNIVERSITARIA INTERAMERICANA
ORGANIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA INTERAMERICANA



INPEAU

Instituto de Pesquisas e Estudos
em Administração Universitária



O que é internacionalização?
Por que surge a internacionalização?
Para que internacionalizar?
Quem são os atores da internacionalização?
Quando ocorre a internacionalização?
Como internacionalizar?
Onde ocorre a internacionalização?
Por onde começar...

1. A sua IES possui um plano para internacionalização?
2. A sua IES possui um setor responsável pelas ações de cooperação internacional?
3. Você desenvolve alguma ação de cooperação internacional?
4. Como você avalia o nível de internacionalização da sua IES?
5. O que você entende como prioritário para uma boa inserção internacional de uma IES?

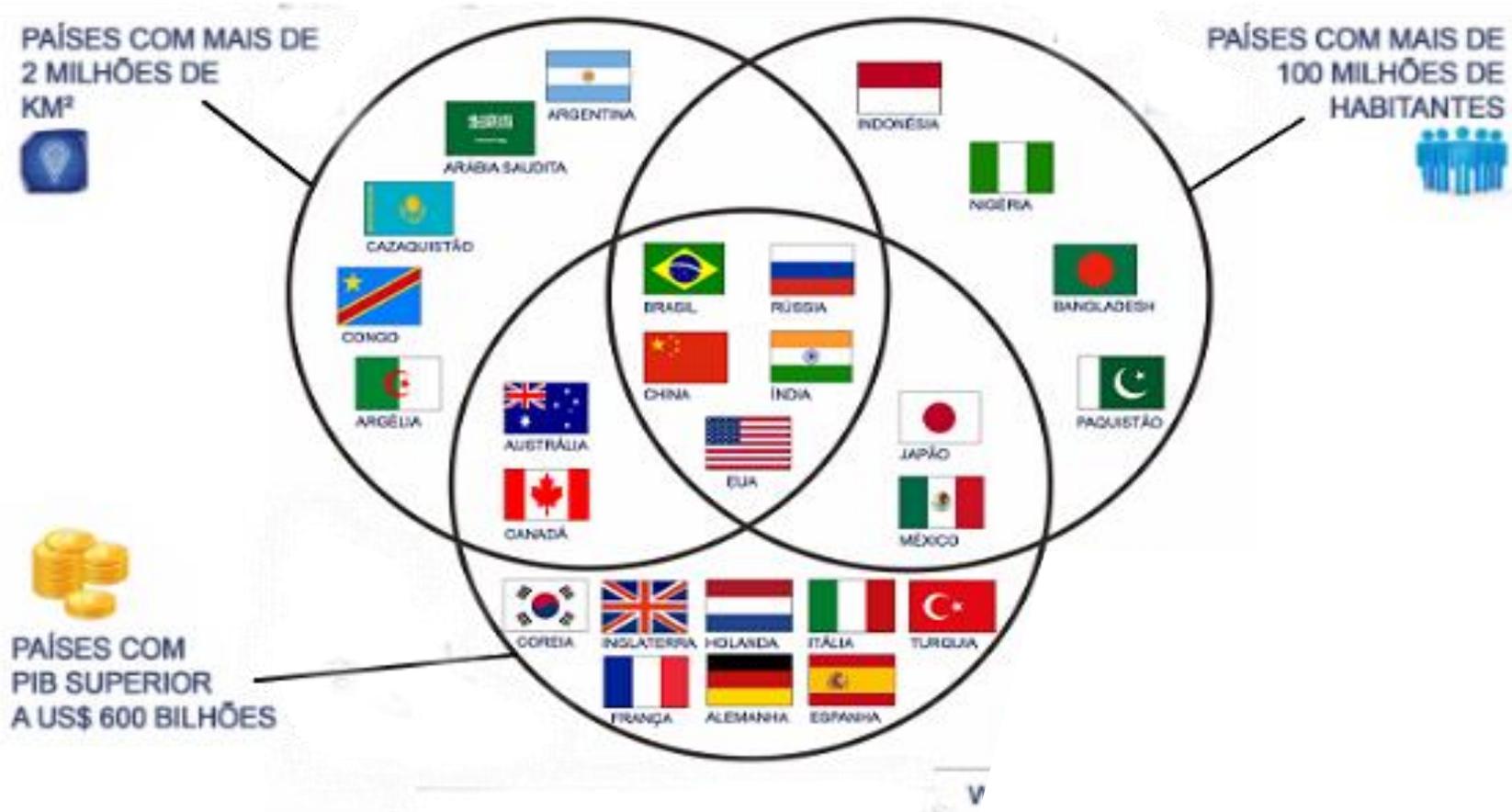
Internacionalização



“O mundo está cada vez mais globalizado, por isso temos que internacionalizar a nossa Instituição”.



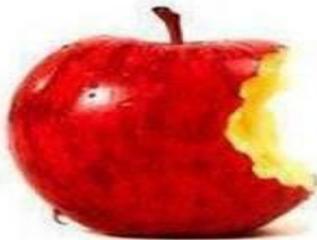
Informações interessantes...



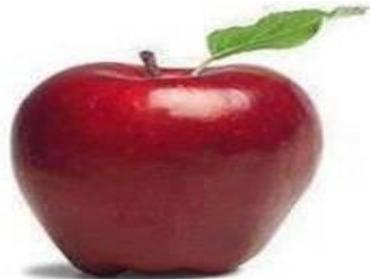
Internacionalização



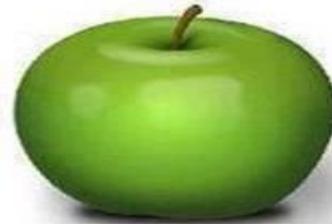
4 maçãs que mudaram o Mundo



Eva



Isaac Newton



The Beatles



Steve Jobs

New countries emerge as major players in scientific world

28 March 2011

A new group of countries, lead by China and followed by others including Brazil and India, are emerging as major scientific powers to rival the traditional “scientific superpowers” of the US, Western Europe and Japan , a new report from the Royal Society, the UK’s national academy of science, has found.

The report also identified some rapidly emerging scientific nations not traditionally associated with a strong science base, including Iran, Tunisia and Turkey. The report emphasised the growing importance of international collaboration in the conduct and impact of global science and its ability to solve global challenges such as energy security, climate change and biodiversity loss.

The report, *Knowledge, Networks and Nations: Global scientific collaboration in the 21st century*, analysed a wide variety of data, including trends in the number of scientific publications produced by all countries. It found that China’s growing share in the total number of articles published globally is now second only to the long-time scientific world



About us

Learn about our mission to expand the frontiers of knowledge.



President

Read about our President, Sir Paul Nurse

Latest news

Science academies call for action on global challenges

10 May 2012 | National science academies of 15 countries issued joint statements today calling on world leaders to give greater consideration to the vital role science and technology could play in addressing some of the planet’s most pressing challenges.

Meet the mini mammoth

09 May 2012 | The smallest mammoth known to have existed has been discovered by scientists at the Natural History Museum, according to new research published today in *Proceedings of the Royal Society B*.

Educação: Tendências e Perspectivas da Internacionalização no Brasil

Brasil, em 2026...



Cenários econômicos



BRASIL: 5ª ECONOMIA DO MUNDO EM 2026

Previsão 2011			Previsão 2018			Previsão 2026		
Ranking	País	PIB PPP (Bilhões)	Ranking	País	PIB PPP (Bilhões)	Ranking	País	PIB PPP (Bilhões)
1	EUA	15,15	1	EUA	21,34	1	China	38,59
2	China	10,82	2	China	21,18	2	EUA	34,10
3	Japão	4,33	3	Índia	8,21	3	Índia	16,25
4	Índia	4,24	4	Japão	5,50	4	Japão	7,55
5	Alemanha	2,88	5	Alemanha	3,96	5	<i>Brasil</i>	5,72
6	Rússia	2,28	6	<i>Brasil</i>	3,44	6	Alemanha	5,70
7	<i>Brasil</i>	2,23	7	Rússia	3,43	7	Rússia	5,20
8	França	2,21	8	Reino Unido	2,99	8	Reino Unido	4,49
9	Reino Unido	2,21	9	França	2,97	9	França	4,28
10	Itália	1,76	10	Itália	2,21	10	Espanha	3,11

THE PITTSBURGH SUMMIT 2009



O novo lugar do Brasil no mundo

Num mundo que ainda enfrenta os ajustes decorrentes da crise financeira de 2008, o Brasil desponta como uma das mais encorajadoras fronteiras do desenvolvimento. Organismos internacionais, como o FMI e o Banco Mundial, assim como grandes corporações, revisam para cima o PIB do país que passa a figurar nas projeções dos governantes em níveis entre 1,5 e dois pontos percentuais acima da média global, prevista em 4% pelo Fundo Monetário para 2010.

Não há uma fórmula de rigidez acadêmica que explique a singularidade brasileira no pós-crise mundial. Talvez o grande segredo dessa dinâmica — que se diferencia, de um lado, pelo vigor econômico, e, de outro, pela confiança de longo prazo que desperta dentro e fora do país — seja o rumo político adotado por um presidente cujo traço de orientação mais sensível é a aversão a qualquer esquematismo subalterno e paralisante.

O Brasil de Lula — desde janeiro de 2003 — não engrossou o coro complacente à desregulação radical dos mercados financeiros, que agora é alvo de ajustes na Europa e nos EUA. Tampouco ressuscitou o centralismo estatal que orientou a agenda do desenvolvimento nos países periféricos nos anos 50. Luiz Inácio Lula da Silva costuma dizer, frequentemente, que o Brasil começou a renascer para o desenvolvimento ao incluir a luta contra a fome como a prioridade número um de seu governo. Esse compromisso, manifestado já no seu discurso

PAÍS SUPERA DESCONFIANÇA E VULNERABILIDADES PARA SE TORNAR CASO DE SUCESSO NO COMBATE À CRISE MUNDIAL

de posse, externou o objetivo de assegurar a cada brasileiro ao menos três refeições por dia, e contribuiu significativamente para levar o mercado interno brasileiro à condição que hoje magnetiza investidores e analistas.

Pragmatismo político, serenidade econômica e auspiciosos atrativos de expansão futura convergem para consolidar o país como cenário de um dos mais notáveis ciclos de expansão do emprego da sua história — e possivelmente de todo o mundo neste momento. O Brasil criou este ano, até abril, mais de 960 mil empregos formais, uma média de 240 mil vagas por mês: um número sem paralelo desde 1986. Em 2009, em plena crise, foram abertas 995.110 novas vagas no mercado formal. Desde 2003, o mercado brasileiro gerou mais de 12,4 milhões de oportunidades de trabalho. E a locomotiva da inclusão produtiva não dá sinais de cessar porque — diferentemente do que ocorre no resto do mundo, exceto a China — exhibe real sincronia entre uma expansão econômica forte, o incremento da capacidade produtiva e a ampliação simultânea da infra-estrutura e da logística nacionais.

Esse conjunto é que leva o ministro da Fazenda, Guido Mantega, a dizer com serenidade, na entrevista concedida à *éBrasil* (leia nas páginas seguintes): “Não há desconformismo entre a demanda e a oferta. Nossa política macroeconômica responsável tem condições de sustentar o crescimento de forma equilibrada.” Mantega tem uma resposta convincente para quem vê com certa inquietação o forte incremento das importações brasileiras este ano — em boa parte, constituídas de máquinas e equipamentos para ampliar a capacidade produtiva: “O pré-sal ajudará [no equilíbrio das contas externas] na medida em que seu grande potencial atrairá investimentos estrangeiros”, diz, ancorado confortavelmente nos bilhões de barris de um óleo de tipo fino que se concentrou milenarmente a seis mil metros de profundidade no mar brasileiro.

Descobertas no governo Lula, essas jazidas vão, no mínimo, dobrar as reservas estratégicas do país — atualmente de 14 bilhões de barris — num momento em que o estoque petrolífero declina em todo o planeta. Ao impulso da demanda interna vem se somar, assim, uma formidável programação de investimentos em energia nos próximos anos. Petróleo e gás, leia-se, navios, sondas e logística do pré-sal, levarão a uma bateria de investimentos de R\$ 879,2 bilhões prevista para a partir de 2011. Mais uma positiva singularidade verde-amarela, que contribui para reposicionar o Brasil no mundo. ▶



TODOS QUEREM FAZER NEGÓCIO COM O BRASIL

Rayani Mariano

Adam Smith já explicava, no final do século XVIII, que o comércio exterior é importante porque possibilita que o excedente da produção para o qual não existe demanda no País saia, e as mercadorias para as quais há necessidade entrem. O comércio exterior no Brasil tem crescido substancialmente. O primeiro semestre de 2011 registrou recordes nas exportações e importações e superávit. A soma das vendas externas com as aquisições chegou a US\$ 223,627 bilhões, representando um aumento de 30% na comparação com o mesmo período de 2010.

De janeiro a junho deste ano, as exportações brasileiras apresentaram valor recorde de US\$ 118,306 bilhões. Em relação ao mesmo período de 2010, houve crescimento de 31,6% pela média diária. As importações também foram altas, somando recorde de US\$ 105,321

bilhões, aumento de 28,5%. O superávit comercial no período totalizou US\$ 12,985 bilhões, ampliação de 64,7% ao registrado em equivalente período anterior, pela média diária. O bom desempenho das exportações brasileiras pode levar o Governo a aumentar a meta de vendas externas em 2011, que atualmente está em US\$ 245 bilhões. Até junho, no acumulado de 12 meses, as exportações já ultrapassaram o valor de US\$ 231 bilhões.

Para Antônio Bersaneti, diretor executivo da trading company Iceport - Terminal Frigorífico de Navegantes S/A, os recordes podem ser explicados pelo grande crescimento da economia brasileira atualmente. Além disso, Bersaneti explica que "nosso rating de crédito internacional nunca esteve tão alto frente às principais instituições internacionais. Isto significa que nossa capacidade de pagamento é

O País acelera o ritmo de comércio exterior e registra, há dez anos, superávit na balança comercial. No primeiro semestre deste ano, a soma das exportações e importações brasileiras ultrapassou a cifra de US\$ 220 bilhões

Brasileiros são mais empreendedores

O Brasil é o País com a maior taxa de empreendedorismo entre todos os integrantes do G20 (grupo das 20 nações mais ricas do mundo) e também em comparação com os países membros do Brics. A cada cem brasileiros adultos, 17,5 têm negócios com até três anos e meio de atividade. Na China, por exemplo, o número de novos empreendedores é 14,4 para cada cem habitantes. Na Índia, a taxa é de 11,5% da população e, na Rússia, 3,9%. Esses dados são da pesquisa 2010 da Global Entrepreneurship Monitor (GEM), que compara o número de empreendedores em 60 países. Para o presidente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (Sebrae), Luiz Barreto, o resultado é histórico. "São os melhores resultados do Brasil desta década", comemorou.

Bilionários e milionários

O Brasil terá o dobro dos seus atuais 150 mil milionários até 2020, segundo estudo realizado pela Deloitte. O crescimento da riqueza no Brasil, assim como em outros países emergentes como China e Índia, será maior do que no restante do mundo. Já uma pesquisa divulgada pelo Instituto Francês de Opinião Pública (IFOP, na sigla em francês) apurou que o Brasil é o nono País com maior número de bilionários no mundo, com 30 deles, atrás dos outros países do Bric: Rússia (101 bilionários), Índia (55 bilionários) e China (115 bilionários). O país com mais bilionários foi os EUA, com 412 super-ricos. Apenas na capital paulista, a 6ª cidade com mais bilionários do mundo, moram 21 bilionários, com fortuna somada de US\$ 85 bilhões. E no Rio de Janeiro, um único empresário – o brasileiro Eike Batista – já concentra US\$ 30 bilhões e é o 8º mais rico do mundo, segundo a Forbes.



Billionaires and Millionaires

Brazil will double the current 150 000 millionaires by 2020, according to a study by Deloitte. The growth of wealth in Brazil, as in other emerging countries like China and India, will be higher than in the rest of the world. While a survey released by the French Institute of Public Opinion (IFOP, the acronym in French) found that Brazil is the ninth largest number of billionaires worldwide, with 30 of them behind the other BRIC countries: Russia (101 billionaires), India (55 billionaires) and China (115 billionaires). The country with more billionaires was the U.S., with 412 super-rich. Only in São Paulo, the 6th city with more billionaires in the world, live 21 billionaires with a fortune of \$ 85 plus billion. And in Rio de Janeiro, a single employer - the Brazilian Eike Batista - already concentrates \$ 30 billion and is the 8th richest in the world according to Forbes.

Brasil investe mais no exterior

A Agência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad) anunciou que os países em desenvolvimento e em transição bateram recorde de investimentos no exterior em 2010. Além de terem recebido US\$ 713,3 bilhões de Investimentos Diretos Estrangeiros (IDE), representando 53% do total, eles se tornaram cada vez mais investidores no exterior, com suas multinacionais aplicando US\$ 316 bilhões para aproveitar oportunidades sobretudo nos próprios mercados emergentes. As aquisições por empresas de Brasil, China, Rússia e Índia alcançaram US\$ 144,4 bilhões. A agência da ONU destaca o caso do Brasil, que passou de fluxo negativo em 2009 (- US\$ 10 bilhões) para US\$ 11,5 bilhões de aquisições externas em 2010.

Brazil invests more abroad

The United Nations Agency for Trade and Development (UNCTAD) said that developing countries and transition economies reached a record high of foreign investments in 2010. In addition to having received \$ 713.3 billion of Foreign Direct Investments (FDI), representing 53% of the total, they became more and more overseas investors, with its multinational applying \$ 316 billion to seize opportunities in the individual emerging markets. The acquisitions by companies from Brazil, China, Russia and India reached U.S. \$ 144.4 billion. The UN agency highlights the case of Brazil, which has negative flow in 2009 (- U.S. \$ 10 billion) to \$ 11.5 billion of foreign acquisitions in 2010.



O BRASIL DO FUTURO

Grandes obras de engenharia, principalmente nas áreas de infraestrutura logística e energética, estão em andamento para preparar o País para o crescimento econômico médio de 5% ao ano

Sika Duarte

No Estado do Rio de Janeiro, o Grupo EBX investe na construção de um dos portos mais modernos e eficientes do mundo: o Superporto do Açú

In the State of Rio de Janeiro, Group EBX invests in the construction of one of the most modern and efficient ports in the world: Superporto do Açú (Açú Superport)



Dados da Associação Brasileira de Energia Eólica (Abeólica) revelam que serão investidos R\$ 25 bilhões em 141 projetos de energia eólica no País até 2013.

Data from the Associação Brasileira de Energia Eólica (Brazilian Association of Wind Energy) (Abeólica) reveal that up to 2013, R\$ 25 billion will be invested in the Country in 141 projects of the wind energy.



PHOTO: SP/REUTERS

DE WASHINGTON POST

PHOTO: SHOOTER

Uma boa notícia chamada Brasil

O investidor estrangeiro, ainda aturdi-do pela crise que ceifou 16 milhões de empregos no planeta em 2009, talvez tenha dificuldade para entender de que mundo trata o noticiário econômico brasileiro da atualidade. Numa única edição do início de abril, por exemplo, o austero jornal Valor Econômico, de São Paulo, listava as seguintes manchetes, pinçadas aleatoriamente de algumas seções: “Fábricas de vagões recuperam encomendas e investem”; “Venda de PCs cresce 33% no 1º trimestre”; “Múltis investem na produção de vacinas no país – segmento cresce 16%”; “Indústria de brinquedos cresce 8% e fatura R\$ 4,5 bi”; “Suíça quer atrair bancos brasileiros”... Coincidência? Então, que tal a edição do dia seguinte do mesmo conceituado jornal: “Crescimento consolida índice de desemprego em nível mais baixo”; “TV digital atrai fabricante italiana de transmissores ao país”; “Construtoras voltam a olhar para a classe média”.

E isso não apenas na imprensa local. Há uma crescente demanda pela palavra Brasil no noticiário econômico internacional. No final de 2009, o comentarista Michael Ska-

PAÍS GANHA DESTAQUE NA IMPRENSA INTERNACIONAL COMO MODELO DE SUCESSO GRAÇAS À ECONOMIA ROBUSTA SUSTENTADA POR UMA POLÍTICA DE EXPANSÃO DO MERCADO INTERNO

pinker, do Financial Times, caracterizou-a assim: “o Brasil será a grande história de 2010” e “a potência do século 21 a se observar” (20/10/2009). Não por acaso, o diário britânico lançou o terceiro caderno especial sobre o país em seis meses. O mesmo entusiasmo ocuparia as páginas do Wall Street Journal, em 23 de março de 2010: “O Brasil virou a esquina e agora é uma nação de peso, ambição e fundamentos econômicos para se tornar uma potência mundial. Mas o país tem enormes desafios que precisa enfrentar até aproveitar integralmente esse potencial”.

Nem coincidência, nem generosidade. O que o jornalismo especializado ilustra é a força incontornável de uma economia que já figurava entre as 11 maiores do mundo quando sobreveio a quebra do banco Lehman Brothers, em setembro de 2008. O que se viu a partir daí consolidaria as expectativas favoráveis com relação a um mercado que enfrentou e venceu as provas cruciais do pior ano da economia mundial em oito décadas. O que emergiu do outro lado foi um caso de sucesso que está sendo apontado como uma das fronteiras mais vigorosas do consumo, do investimento e da mobilidade social no século 21.

A verdade é que na hora mais difícil o PIB brasileiro recuou apenas 0,2% comparado a 2008, quando havia crescido 5,1%, e afrontou a crise com um punhado de boas notícias num momento em que a economia mundial recheava os jornais de gráficos à beira de um ataque de nervos, índices cambaleantes e cenhos franzidos a mirar um futuro com pouco mais a oferecer do que uma longa e penosa convalescença, ameaçada por projeções de recaídas desanimadoras.

35 milhões de gamers

O Brasil é o quarto maior mercado de usuários de jogos digitais do mundo. A aferição é da Newzoon, empresa internacional de estudo de mercado focada na indústria de jogos. Nada menos que 76% da população brasileira ativa na Internet são jogadores, o que coloca o Brasil atrás somente dos Estados Unidos (145 milhões), Rússia (38 milhões) e Alemanha (36 milhões). Em média, os brasileiros dedicam 10,7 horas por semana jogando, o dobro do tempo gasto com a televisão e praticamente o mesmo que passam na internet. Destes 35 milhões, 16,5 milhões de gamers admitem gastar dinheiro com jogos, sendo que 2/3 dos gastos são feitos com jogos online. Mercado em ascensão.

35 million gamers

Brazil is the fourth largest market of users of digital games in the world. The measurement is the Newzoon, international company of market studies focused on the gaming industry. No less than 76% of the active population on the Internet are players, which puts Brazil behind only the United States (145 million), Russia (38 million) and Germany (36 million). On average, Brazilians spend 10.7 hours a week playing, double the time spent watching television and spend nearly the same as the Internet. Of these 35 million, 16.5 million gamers admit to spending money on games, and 2/3 of expenditures are made with online games. Rising market.

Embraer: terceira no mundo

De cada cinco aviões vendidos em todo o mundo, um é fabricado pela Embraer, que se tornou a terceira maior companhia em aviação executiva. Uma das aeronaves, o jato Phenom 100, passou a ser o aparelho mais vendido no mercado mundial. A Embraer está transferindo para os EUA e para a China parte de sua produção para estar mais próxima dos mercados consumidores. Cerca de 100 milhões de dólares foram investidos para montar centros de atendimento para os donos desses jatos no exterior. Outra mudança no perfil da empresa acontece na diretoria, antes dominada por executivos nacionais que agora dá espaço a diretores de outros países, em linha com a estratégia da companhia de se tornar líder até 2015.

Embraer: third in the world

Of five aircraft sold worldwide, is one manufactured by Embraer, which has become the third largest business aviation company. One of the aircraft, the Phenom 100, has become the biggest seller in the world market. Embraer is transferring to the U.S. and China part of its production to be closer to consumer markets. About 100 million dollars was invested to set up centers for the owners of these jets abroad. Another change in the company profile occurs on the board, previously dominated by national executives who now makes room for directors from other countries, in line with the company's strategy to become leader until 2015.



Aerono Embraer

The Economist

ISSN 0013-7808

economist.com

The decline of music piracy
Nigeria gets better
Farmers v greens in America
How drugs are being decriminalised
Bland bosses

Brazil takes off



A 14-PAGE SPECIAL REPORT
ON LATIN AMERICA'S BIG SUCCESS STORY

The
Economist

The decline of mobile piracy

Nigeria gets better

Farmers v greens in America

How drugs are being decriminalised

Bland bosses

ISSN 0013-061X

economist.com

Brazil takes off



A 14-PAGE SPECIAL REPORT
ON LATIN AMERICA'S BIG SUCCESS STORY

The
Economist

The new face of terror

The Breaking Bad school of business

Obama's Iran gambit

On the edge of the helium cliff

E-cigarettes: don't stub them out

ISSN 0013-061X

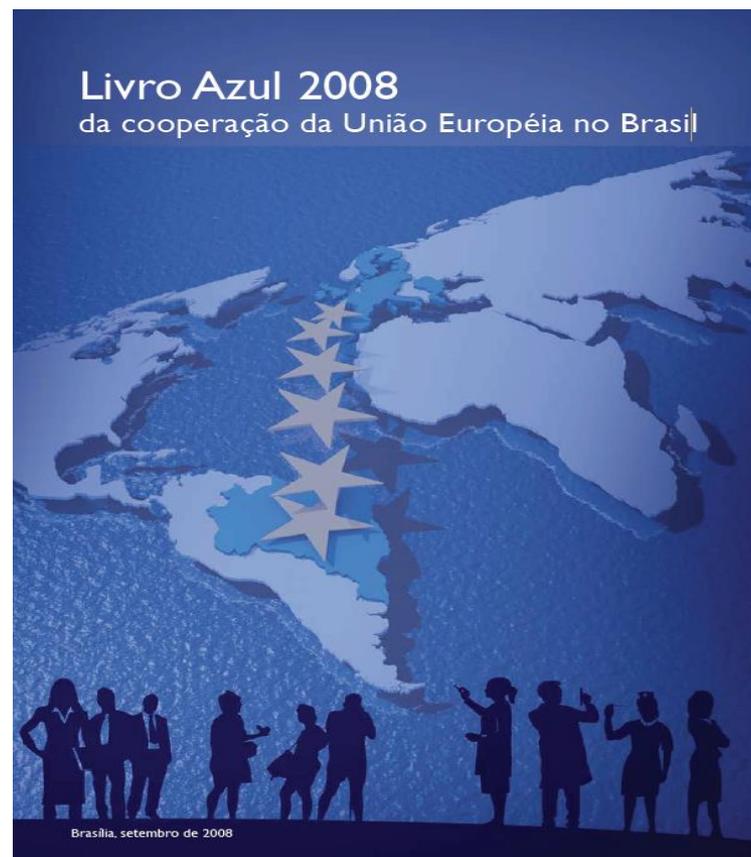
economist.com

Has Brazil blown it?



A 14-page special report

Cenários Internacionais



opendoors[®]



Open Doors[®] 2012

Report on International Educational Exchange

Produced by the Institute of International Education

In partnership with the
Bureau of Educational and Cultural Affairs
of the U.S. Department of State

National Press Club
Washington, DC
November 13, 2012



INTERNATIONAL EDUCATION WEEK

U.S. Department of State / U.S. Department of Education

NOVEMBER
12th-16th, 2012

International education is vital to strengthening economies and societies both in the United States and around the world.

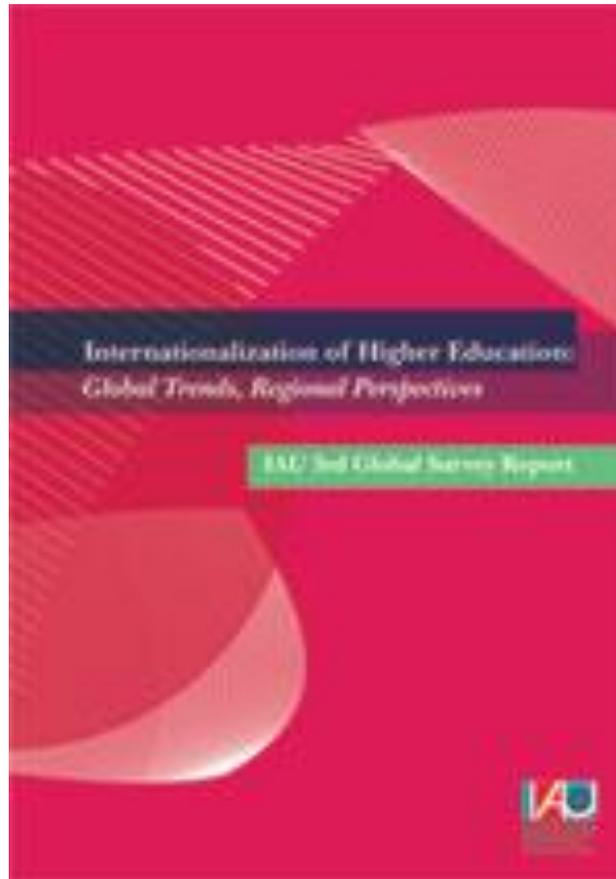


#IEW2012

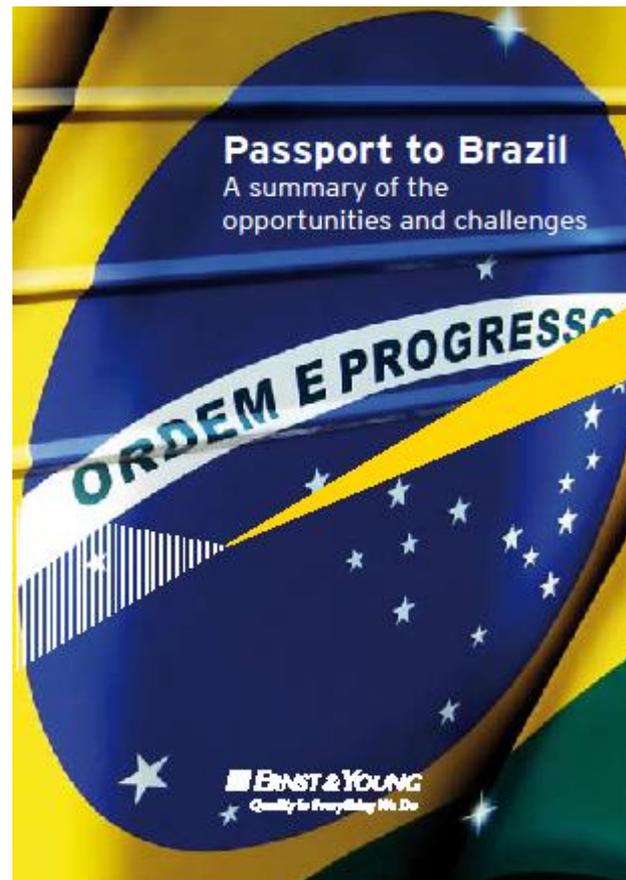
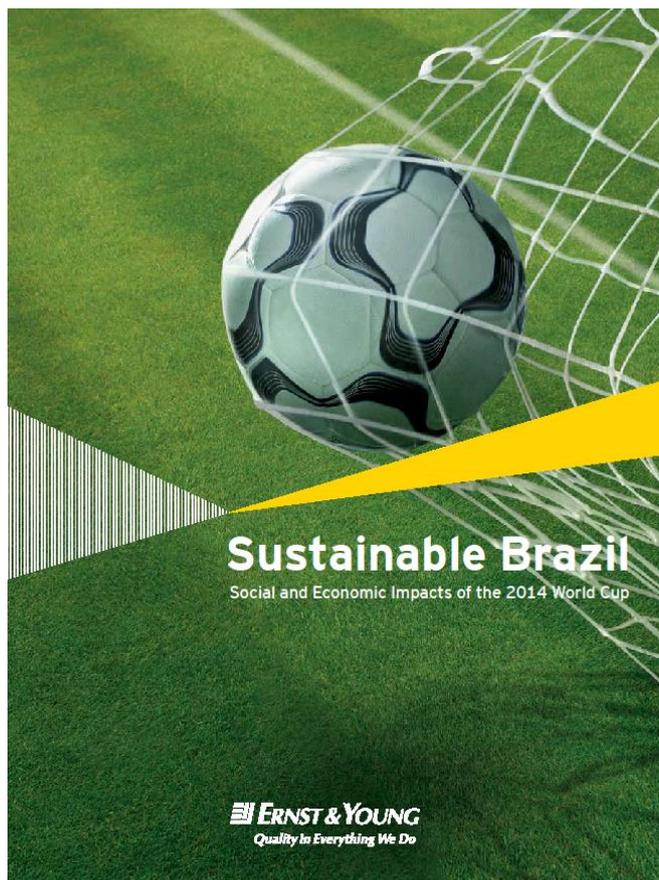


#IEW2012

Internationalization of Higher Education: Global Trends Regional Perspectives – the IAU 3rd Global Survey Report



Cenários Nacionais



Cenários Empresariais



GESTÃO DE PESSOAS

PROCURAM-SE CAMALEÕES CONTEXTUAIS

MAS É PRECISO DAR ALGO EM TROCA. PESQUISA *THE CONFERENCE BOARD* MOSTRA COMO AS EMPRESAS VÊM ENFRENTANDO DESAFIOS DE RECRUTAMENTO, DESENVOLVIMENTO E LIDERANÇA SEM PRECEDENTES COM SEUS GESTORES GLOBAIS

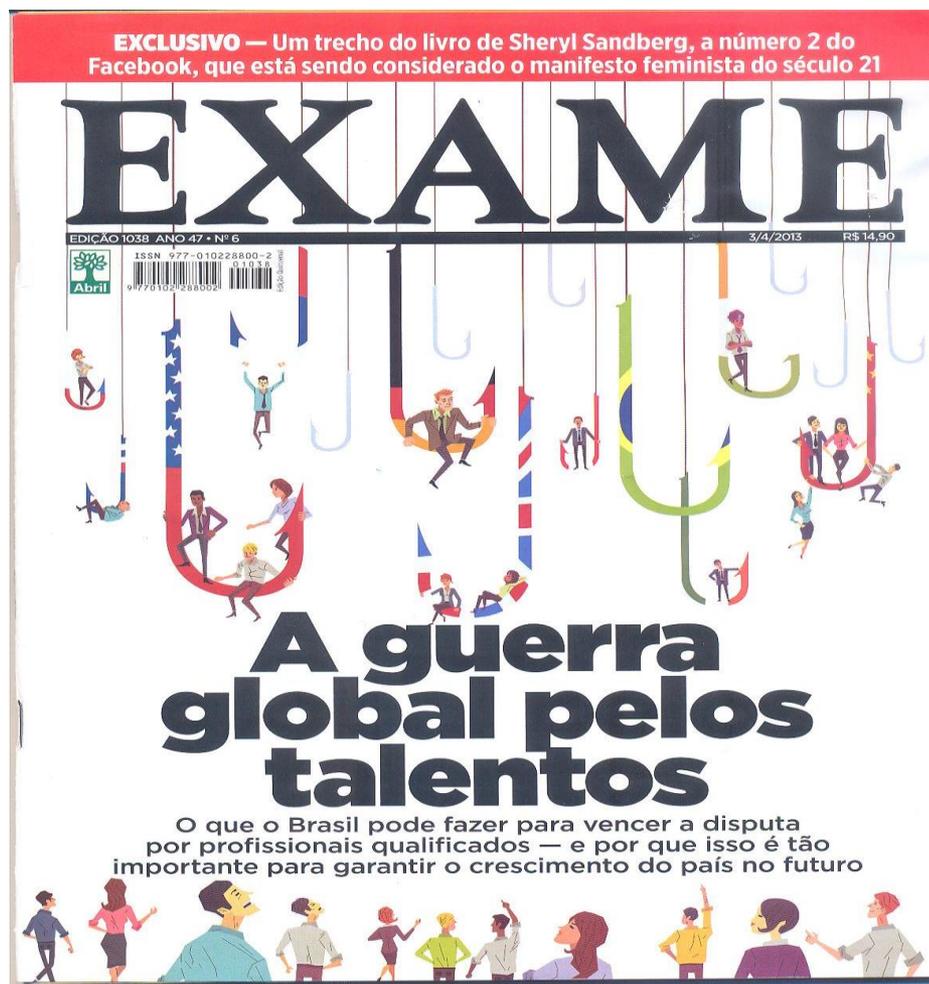
120 HSMManagement 76 • SETEMBRO-OUTUBRO 2007 hsmmanagement.com.br

82009 10:51:47 AM

Cenários Empresariais



Cenários Empresariais



Cenários Empresariais



Cenários Locais



Como Caxias alcançou o mundo



Homenageado na noite de segunda-feira com o título de Personalidade Exportação, o empresário Clóvis Tramontina lembrou que o grupo de Carlos Barbosa começou a vender ao Exterior no final da década de 1960.

A primeira exportação foi para o Chile, depois para toda a América do Sul, chegando nos anos 1980 nos Estados Unidos, seguidos pela Europa e, ultimamente, desembarcando no mercado asiático e do Oriente Médio. Para o presidente, no comando da Tramontina desde 1992, o desafio, porém, é chegar no cenário chinês.

– Em agosto, abriremos a primeira Tramontina Store na China. Imagine se o chinês deixasse de usar palitinho e começasse a usar faca e garfo Tramontina – brincou.

www.pioneiro.com



TRAMONTINA

O MAPA DA IMIGRAÇÃO

Mais gente quer viver no Brasil



Cada vez mais estrangeiros vêm para trabalhar...



...e sua qualificação profissional é cada vez maior

5 vezes mais

vistos de trabalho são concedidos a estrangeiros com mestrado, em relação a 2009

De onde eles partem

Estados Unidos, Filipinas e Inglaterra são os três países que mais exportam mão de obra para o Brasil



DOIS GRANDES ÊXODOS MIGRATÓRIOS

■ **Colonização**
4% dos ingleses, 7% dos espanhóis e 5% dos portugueses se mudaram para as colônias entre 1500 e 1700

EM ESCALA GLOBAL

O número de pessoas que vivem fora de seu país de nascimento disparou nos últimos 100 anos, mas o percentual de imigrantes em relação à população mundial variou pouco



AS MAIORES COMUNIDADES DE IMIGRANTES

(Dados de 2010)

11,6 milhões de mexicanos vivem nos Estados Unidos

3,3 milhões de nativos de Bangladesh vivem na Índia

2,7 milhões de turcos vivem na Alemanha

Nos países que mais recebem remessas dos cidadãos que emigraram, esse dinheiro representa uma pequena parcela do PIB,...

(Em bilhões de dólares, por ano)

País	Valor (bilhões de dólares)	Parcela do PIB
1) Índia	55	3,4%
2) China	51	0,85%
3) México	22,6	2,2%
4) Filipinas	21,3	10,7%
5) França	15,9	0,6%
25) BRASIL	4,3	0,2%

...mas nos países pobres as remessas representam uma tremenda injeção na economia

(Em bilhões de dólares, por ano)

País	Valor (bilhões de dólares)	Parcela do PIB
Tadjiquistão	3,5	35%
Nepal	2,1	23%
Honduras	2,6	19%
El Salvador	3,6	16%



Grande fome da batata

Em quatro anos, 18% da população da Irlanda deixou a ilha, quando, entre 1845 e 1849, um fungo devastou a produção de batata

Fontes: Ministério da Justiça, Ministério do Trabalho, IBGE, Banco Mundial, ONU, OIT, Organização Internacional para Migração, e os historiadores Paulo Cesar Gonçalves, da Unesp, e Ismênia de Lima Martins, da UFF



Profissionais qualificados formam nova onda migratória para o Brasil
Reportagem de VEJA mostra que, em três anos, o número de estrangeiros que receberam autorização de trabalho saltou de 43 000 para 70 000

30/09/2012 - 15:37

CONFIANÇA NO FUTURO - Grupo de estudantes estrangeiros da Fundação Getulio Vargas, em São Paulo: o número de alunos que chegam interessados em iniciar a carreira no Brasil cresceu quase 300% em cinco anos (Claudio Gatti)

Em 2009, o primeiro ano após a crise financeira que abalou os Estados Unidos e a Europa, o economista italiano Rosario Cannata, que vivia em Nova York fazia um ano, se assustou ao ver seu mercado de trabalho encolher depois que várias instituições financeiras fecharam as portas. Numa entrevista para um novo emprego, ouviu que não havia vagas nos EUA, e sim no Brasil. Cannata recusou a oferta, mas um fato mudaria sua opinião. Ao ver o Cristo Redentor estampado na capa da revista *The Economist*, acompanhado da chamada "O Brasil decola", ele resolveu aceitar o emprego. Hoje, Cannata mora em São Paulo e trabalha numa empresa de prospecção de petróleo que presta serviços para a Petrobras. Assim como Cannata, milhares de outros estrangeiros estão desembarcando no Brasil em busca de melhores condições de vida e emprego. Desde 2010, foram 550 000 novos imigrantes que estabeleceram residência no país. O número de autorizações de trabalho, temporárias e permanentes, saltou de 43 000, há três anos, para 70 000, em 2011. Vinte anos atrás, não passavam de 2 600 por ano

9 de setembro de 2015



Senegaleses que estão em Caxias do Sul narram o caminho percorrido entre o Senegal e o Brasil

PIONEIRO

Caminho mais comum é tomar avião até o Equador e seguir até a região sul de ônibus e a pé



Tweet 1

Recomendar

17 +1 0

0



A-

A+



Alguns dos africanos preferem ir até a Argentina e cruzar a fronteira com o Rio Grande do Sul

Foto: Juan Barbosa / Agência RBS

Internacionalização



“Para internacionalizar uma IES, é necessário que toda a comunidade acadêmica domine pelo menos uma língua.”

Cenários Linguísticos

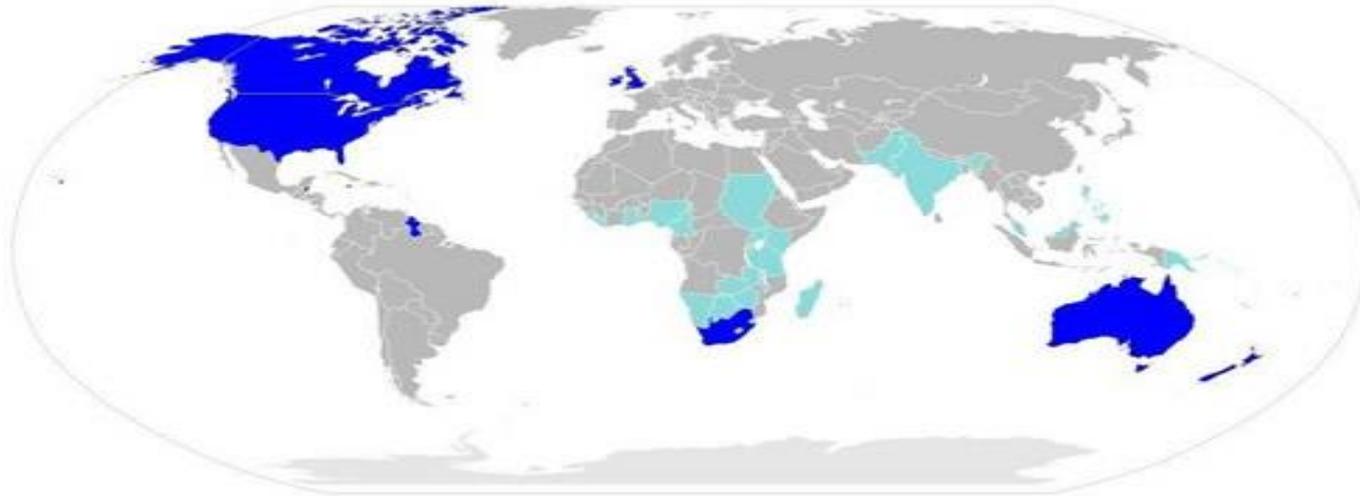


English as official language - 580 milhões



Mapa das nações que usam o inglês como língua oficial ou como língua predominante.
Fonte: CRYSTAL, D. English as a Global Language

Cenários linguísticos



* **Countries with significant concentrations of native speakers of English (in all of these countries English is an official or *de facto* language of administration)**

* **Other countries in which English is an official or important administrative language**

Fonte: CRYSTAL, D. English as a Global Language

Cenários linguísticos

Países onde o espanhol tem status de língua oficial



Cenários linguísticos

Países de Língua Oficial Portuguesa

300 Milhões de falantes



And free.

Thanks to support from Credit Suisse.

Click here to download now

CREDIT SUISSE



NEVER MISS AN ISSUE

SUBSCRIBE HERE >>



- HOME
- INTELLIGENCE
- STYLE
- FEATURES
- CULTURE
- PLACES

SEARCH GO



SUBSCRIBE AND SAVE UP TO 33%. ANNUAL SUBSCRIPTION FROM JUST £24



CURRENT ISSUE

PRINT EDITION CONTENTS

- PAST ISSUES
- IPAD EDITION
- IPHONE EDITION
- SUBSCRIBE

BRAZILIAN PORTUGUESE IS THE BEST LANGUAGE



THE EDITORS' BLOG

THE LATEST BEAUTY PRODUCT: CONCERN
Marina Gerner watches an ad go viral

STAYING NEAR THE SCENE OF THE CRIME
Rebecca Willis gets spooked in Copenhagen

A WOMEN'S LIBRARY? NO, THANKS
Marina Gerner says it's a step back

AND THE BEST SMELL IS...
Georgia Grimond scents a winner

A NEW KIND OF POLITICAL FIGURE
Tim de Lisle on Ricken Patel and Avaaz

[READ MORE >>](#)

FOLLOW INTELLIGENT LIFE



BRAZILIAN PORTUGUESE IS THE BEST LANGUAGE

If you want a decent return on your investment, says Helen Joyce, the best language to learn is Brazilian Portuguese...

Some lunatics learn languages for fun. The rest of us are looking for a decent return on our investment. That means choosing a language with plenty of native speakers. One spoken by people worth talking to, in a place worth visiting. One with close relatives, so you have a head start with your third language. One not so distant from English that you give up.

There really is only one rational choice: Brazilian Portuguese. Brazil is big (190m residents; half a continent). Its economic prospects are bright. São Paulo is Latin America's business capital. No other country has flora and fauna more varied and beautiful. It is home to the world's largest standing forest, the Amazon. The weather is great and so are the beaches. The people are friendly, and shameless white liars. You'll be told "Your Portuguese is wonderful!" many times before it is true.

You won't need a new alphabet or much new grammar, though you may find the language addicted to declensions and unduly fond of the subjunctive. You'll learn hundreds of words without effort (azul means blue, verde means green) and be able to guess entire sentences (O sistema bancário é muito forte: the banking system is very strong). With new pronunciation and a few new words you'll get around in Portugal and parts of Africa. If you speak Spanish, French or Italian, you'll find half the work is already done — and if not, why not try? With Portuguese under your belt you'll fly along.

Best of all, you'll stand out. Only about 10m Brazilians have reasonable English, and far more Anglophones speak French or Spanish than Portuguese, of any flavour. I did not choose this language; it was thrust on me by the offer of a job in São Paulo. But when I think of my sons, now ten and five, one day being able to write "fluent Brazilian Portuguese" on their CVs, I feel a little smug.

Helen Joyce is The Economist's São Paulo correspondent

<http://moreintelligentlife.com/content/ideas/helen-joyce/brazilian-portuguese-best-language>

FUNCTIONS

3 :

You are in Brazil and are unlucky enough to be mugged. At the police station you give a description of the mugger. Choose an appropriate verb or verb phrase from the box and use it in each gap, putting it into the correct form and tense.

ser ter estar estar com estar de usar

O assaltante _____ (1) baixinho e _____ (2) pele morena. Ele _____ (3) uma camiseta amarela e uma bermuda preta. Ele _____ (4) chama-se _____ que ele _____ (5) uns 20 anos. O que me chamou a atenção foi que ele _____ (6) uma cicatriz bastante grande no braço e _____ (7) um relógio caro. Ele _____ (8) uma faca na mão e, pelo visto, ele _____ (9) muito tempo _____ (10) uma experiência horrível.

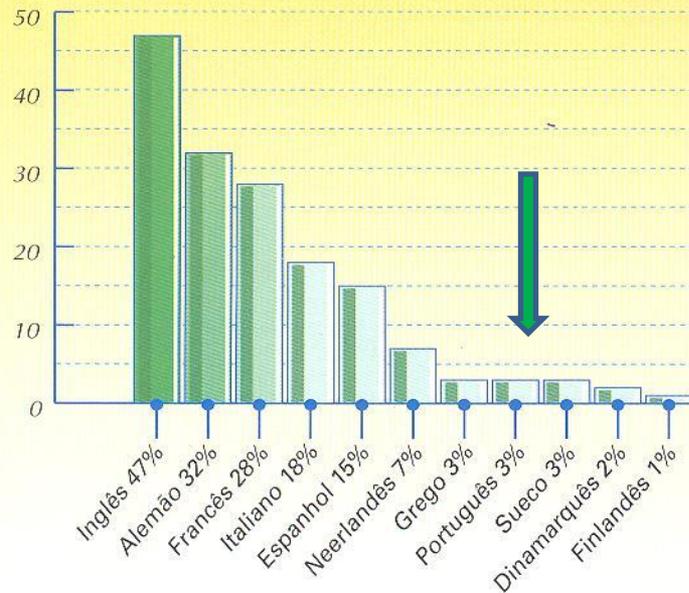
4 :

Read this description of the anteater (*tamanduá*) and then answer the questions in Portuguese using complete sentences. You will find some of the vocabulary in the box below the text, but try to use the context to guess the meaning of any other words you don't know.

Cenários linguísticos



As línguas da União Europeia mais conhecidas em 2001



Proporção de cidadãos nos países da União Europeia dos Quinze (em 2001) que afirmam falar uma língua, quer como língua materna quer de forma suficientemente fluente para manter uma conversa.

Fonte: Comissão Europeia, *Inquérito Eurobarómetro Especial 54*

Internacionalização



“Se a minha IES começar a oferecer disciplinas em inglês, seremos uma universidade internacionalizada.”

Brasil tem um dos piores índices de proficiência em inglês do mundo

Entre os países dos BRIC, brasileiros só foram melhores que os russos

Talita Abrantes, Exame.com Educação | 31/03/2011 10:31

Obama há duas semanas no Brasil: brasileiros ainda gaguejam na hora de falar o idioma das terras do presidente americano.

O Brasil ostenta um dos piores índices de proficiência na língua inglesa do mundo. É o que indica pesquisa da escola e agência de intercâmbios Education First (EF).

De acordo com o estudo, os brasileiros receberam nota média de 47,27 no índice English Proficiency Index (EPI) – desempenho inferior ao apresentado por participantes de países como Argentina, Costa Rica e República Tcheca.

Com isso, o Brasil conquistou a **31ª posição** em ranking de 44 países que não têm o inglês como língua oficial.

Entre os BRICs, o país ficou apenas na frente da Rússia. China e Índia levaram, respectivamente, nota média de 47,62 e 47,35 – índices também considerados baixos pela pesquisa.

Para chegar a esses resultados, a instituição avaliou o desempenho de 2 milhões de pessoas de 44 países diferentes em quatro testes online de proficiência em inglês elaborados pela agência.

“Os exames abordavam questões de gramática, compreensão auditiva, leitura e vocabulário”, afirma Julio de Angeli, vice-presidente da EF EnglishTown para a Europa e Américas.

Inglês ruim faz aluno brasileiro perder bolsa em universidade top

Brasileiros se interessam mais por bolsas para Portugal e Espanha do que para EUA e Reino Unido

União decide criar teste nacional do idioma e curso intensivo para potenciais bolsistas do Ciência Sem Fronteiras

FÁBIO TAKAHASHI
DE SÃO PAULO

Boa parte dos melhores universitários brasileiros tem inglês precário e, por isso, teme disputar bolsas de estudo em instituições de ponta dos Estados Unidos e do Reino Unido.

O problema é tão grande que o governo decidiu criar um teste nacional de inglês para até 100 mil universitários e cursos de reforço no idioma aos que necessitarem.

A deficiência foi verificada na seleção de universitários a serem financiados no exterior pela União no programa Ciência Sem Fronteiras.

No processo deste ano, as universidades portuguesas e espanholas foram as que mais atraíram candidatos, à frente das escolas dos Estados Unidos e do Reino Unido.

Portugal não tem nenhuma instituição entre as 200 melhores do mundo no ranking Times Higher Education, um dos mais importantes na área. A Espanha possui uma, ante 75 dos Estados Unidos e 32 do Reino Unido.

"Há boas universidades nesses centros [Portugal e Espanha], mas detectamos que muitos alunos nossos de excelente nível procuram essas alternativas porque têm dificuldade com o inglês", disse à **Folha** o ministro da Educação, Aloizio Mercadante.

Além dos locais que falam inglês, o idioma também é usado em cursos de países como Holanda, Bélgica e China.

O bolsista deve estar entre os com melhores notas no Enem (exame do ensino médio) e comprovar conhecimento da língua estrangeira.

"O inglês no Brasil precisa ser muito aprimorado", disse o diretor de exames do British Council no país, Cláudio Anjos. "Com o vestibular, as escolas se preocupam apenas com ensinar a ler, não a escrever, escutar e falar."

INTENSIVO

Para tentar atenuar a deficiência, a União lançará nas próximas semanas o programa Inglês Sem Fronteiras.

Será aplicada uma prova neste semestre, em data a ser definida, nos moldes dos exames internacionais Toefl e Ielts - com a ajuda dos organizadores desses testes.

Poderão participar os cerca de 100 mil melhores universitários que fizeram o Enem (o último exame teve 4 milhões de participantes).

Eles são potenciais candidatos a uma das 101 mil bolsas para o exterior, a serem concedidas até 2015.

Após o teste, os universitários serão classificados nos níveis A1, A2, B1, B2 e C. Os que ficarem nos patamares intermediários B1 e B2 poderão fazer curso gratuito intensivo de inglês, de seis meses, em universidades federais.

A ideia é que esses estudantes estejam preparados para os exames de proficiência e possam aproveitar melhor a estada no exterior.

Colaborou **AMANDA KAMANCHEK**

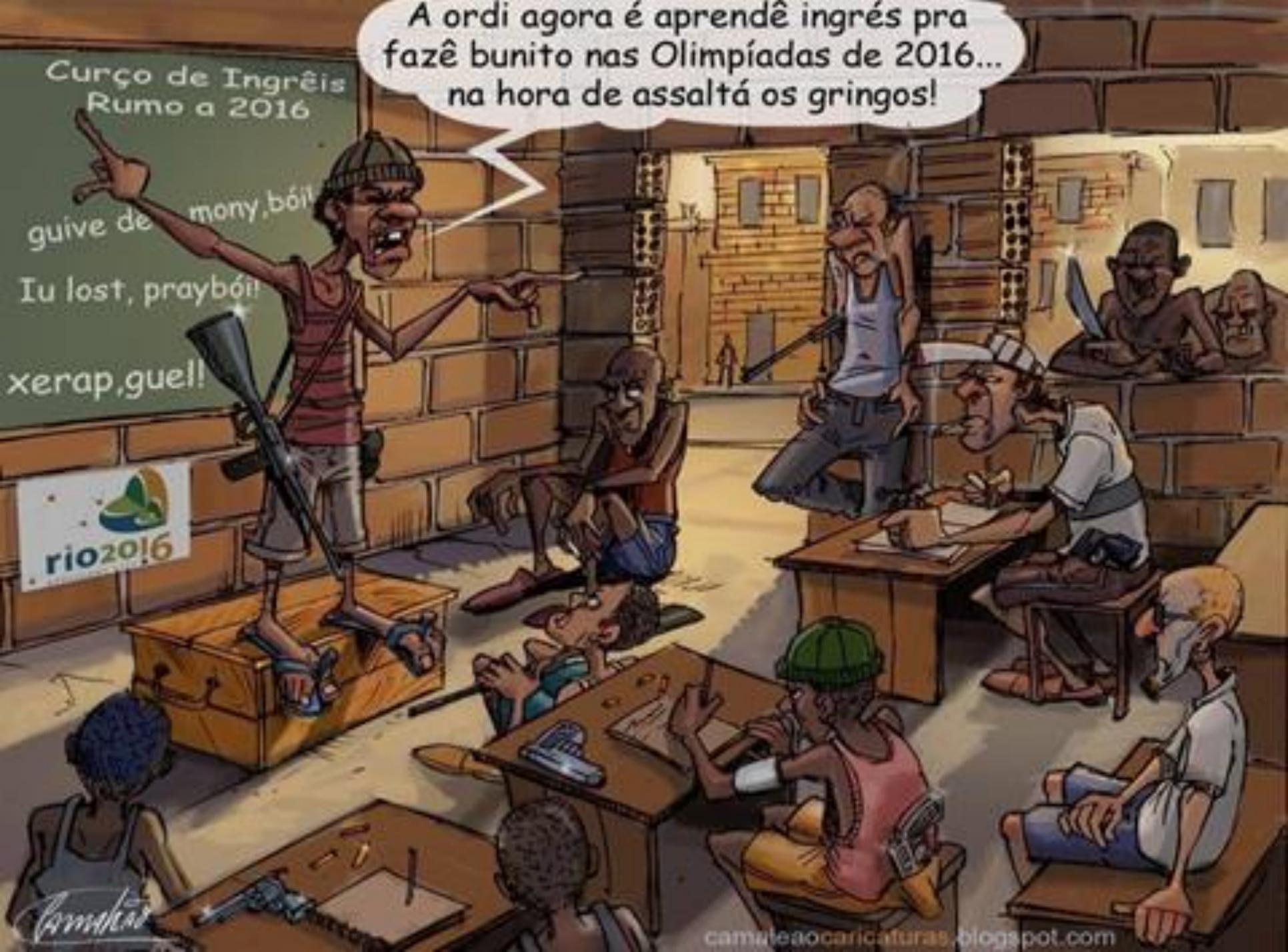
A ordi agora é aprendê ingrês pra
fazê bunito nas Olimpíadas de 2016...
na hora de assaltá os gringos!

Curço de Ingrêis
Rumo a 2016

guive de mony, bôit

Iu lost, praybôit

xerap, guell!



Camaleão

CUMpra SEU SONHO
TIRE UMA FOTO COM A TAÇA NA GRAMA
www.mifotodoboca.com.ar

CUMPLI TU SUEÑO
TOMATE UNA FOTO CON LA COPA EN EL CAMPO
www.mifotodoboca.com.ar

MAKE YOUR DREAM COME TRUE
TAKE A PICTURE WITH THE CUP ON THE PITCH
www.mifotodoboca.com.ar



BE CAREFUL WITH THE STEPS ★ **CUIDADO CON LOS ESCALONES** ★ **CUIDADO COM OS DEGRÃDS**

MUSE
BOQUENSE



CUIDADO COM OS DEGRÃOS



O Estado de S. Paulo - 15 de abril de 2013

Unesp vai oferecer 50 disciplinas em inglês

Ideia é incentivar a internacionalização e atrair estrangeiros para a pós-graduação

Interação entre alunos de várias nacionalidades 'deverá contribuir para ambiente multicultural'

PAULO SALDAÑA

A Universidade Estadual Paulista (Unesp) vai oferecer, a partir do segundo semestre, 50 disciplinas de pós-graduação ministradas em inglês. A ideia é criar um movimento de internacionalização e intercâmbio, atraindo cerca de 700 estudantes do exterior. Instituições de ensino no Brasil já oferecem aulas em outro idioma, mas é a primeira vez que uma universidade cria um bloco de matérias nesse modelo.

As disciplinas serão oferecidas gratuitamente em 14 unidades, sobre temas de pesquisa consideradas de excelência em quatro áreas: Ciências Agrárias, Energias Alternativas, Odontologia e Literatura e Linguística. Alunos brasileiros matriculados na Unesp também poderão cursar.

"A interação entre os estudantes da Unesp com os colegas estrangeiros deverá contribuir de maneira efetiva para a construção de um ambiente multicultural e mais internacionalizado", disse o assessor chefe da Assessoria de Relações Externas da Unesp, José Celso Freire Junior. A expectativa inicial é atrair de 10 a 15 alunos por disciplina, como explica o pró-reitor de Pós-graduação da Unesp, Eduardo Kokubun. "O mundo está olhando para o Brasil e temos algumas áreas de muito interesse internacional. Mas é difícil que estudantes venham para aprender português para depois conseguir fazer um curso."

Na Europa, cerca de 30% dos estudantes das principais universidades são estrangeiros. Esse percentual não passa de 5% na Unesp, por exemplo.

A instituição já abriu inscrições pelo site www.unesp.br/international-courses. Pelo endereço, os inscritos deverão encaminhar uma proposta em que expliquem como poderão aproveitar os créditos em sua formação.

Programas. A internacionalização da universidade brasileira vem ganhando importância. Não por acaso, uma das apostas do governo federal nessa área é o Ciência sem Fronteiras, que pretende enviar 100 mil estudantes para outros países até 2014.

Mas o desafio maior ainda é promover o caminho inverso. A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), por exemplo, tem um projeto para oferecer um bloco de disciplinas da graduação em inglês. O plano, que aguarda definição do Conselho Universitário, começaria com Engenharia e cursos de exatas para depois ser ampliado.

Para o professor da Unicamp Leandro Tessler, o maior empecilho para que as universidades brasileiras ofereçam cursos em outro idioma não é o domínio da língua. "Existem setores da universidade que são contrários a ensinar em inglês, entendendo que isso seria perda de soberania", disse. Algumas unidades, como o instituto de Artes, já oferecem aulas em inglês. Na Universidade de São Paulo (USP), a Faculdade de Economia e Administração, em Ribeirão Preto, e a Esalq, em Piracicaba, já têm aulas em inglês. Na pós-graduação, as disciplinas são ministradas em inglês em duas situações: quando há grande número de alunos estrangeiros e quando a disciplina é ministrada por professor visitante. A partir da segunda quinzena de abril, haverá o registro sistemático dessas disciplinas ministradas em inglês pela Pró-Reitoria de PósGraduação, com a entrada em vigor do novo regimento.

A USP vai criar escritórios em Boston, Londres e Cingapura como parte de um programa de internacionalização, lançado no mês passado. As representações funcionarão até janeiro de 2014. O investimento será de R\$ 400 mil e incluirá a concessão de bolsas para pesquisadores e estudantes estrangeiros que queiram fazer intercâmbio na USP.

<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,unesp-vai-oferecer-50-disciplinas-em-ingles-,1021010,0.htm>

É preciso arriscar muito mais

O reitor da Universidade de São Paulo diz que o sistema atual favorece a acomodação dos pesquisadores estáveis na carreira, que nada criam e se bastam repetindo experimentos

O médico Marco Antonio Zago assumiu em janeiro a reitoria de uma instituição que já teve dias melhores. A Universidade de São Paulo (USP) perdeu posições importantes nos rankings internacionais, vive uma dramática crise financeira e sai de uma greve para entrar em outra. Zago, no entanto, vê soluções. Na escala de preocupações desse paulista de Birigui, o desconhecimento da língua inglesa pelos alunos ocupa hoje o primeiro lugar ("Inglês é a ferramenta de que eles precisam para trabalhar globalmente"). A falta de ousadia dos pesquisadores e a predominância da cultura sindicalista na vida universitária são outros entraves que tiram o sono do reitor. Zago falou a VEJA em seu gabinete na Cidade Universitária.

A USP perdeu onze posições no mais recente ranking de reputação universitária da revista britânica Times Higher Education e na lista das melhores caiu da 158ª posição para a faixa que vai da 226ª à 250ª. O que explica essa queda? Nada. As oscilações são normais e não representam mudança significativa de qualidade. Além do mais, as classificações são obviamente relativas e, se alguns dão saltos de qualidade, isso pode determinar a queda de outros que não necessariamente pioraram. Por outro lado, os índices anuais acusam oscilações cuja natureza pode ser apenas metodológica.

Mas a USP caiu também na listagem deste ano da britânica QS Rankings. Foi ultrapassada pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Chile como a melhor da América Latina. Os rankings comparam universidades de dimensões, missões e focos diferentes. Nós estamos em segundo agora, mas a USP tem 92.000 estudantes. A PUC do Chile tem 22.000 alunos e um orçamento expressivo para o seu ta-

"As universidades, como as agências de pesquisa, favorecem mais a prudência do que a inovação"



LUCAS SOUZA

O foco na qualidade e na meritocracia não predomina na administração do ensino superior no país. Há estabilidade precoce de professores e funcionários, algo que não existe em outro lugar

manho. Para mim, a queda nessa lista latino-americana não significa nada. A USP continua sendo a universidade mais relevante da América Latina. Mas claro que há problemas. Sobre tudo porque não temos ensino secundário de qualidade no Brasil. O aluno que traz da escola dificuldades de escrever bem, compreender textos e fazer cálculos básicos não poderá ter um bom desempenho no ensino superior. Outra questão deriva do fato de as universidades brasileiras enfrentarem enormes dificuldades de gestão. Seria muito melhor se houvesse um orçamento anual definido e a prerrogativa de contratar ou demitir de acordo com o desempenho. Porém, o foco na qualidade e na meritocracia é algo estranho à administração do ensino superior no Brasil. A estabilidade precoce de professores e funcionários paralisa as coisas. Isso não existe em nenhum outro lugar do mundo.

O que é preciso para a USP implantar o modelo que privilegia a meritocracia? Isso depende de questões políticas e de leis federais. Mas, internamente, é preciso abandonar a dinâmica de sindicalismo na vida universitária. Não é fácil dar esse passo. Mas ele é essencial e já foi dado em outros países.

O que a USP está fazendo para aperfeiçoar o sistema de avaliação de professores? Infelizmente, ainda não se definiu claramente como avaliar o desempenho dos docentes na USP. Por isso, criamos um grupo de trabalho para determinar o que deve ser entendido como excelência. Não basta verificar se o pesquisador está publicando trabalhos ou não. Há outras formas de análise, como a produção de patentes, de material crítico e a realização de debates.

A USP leva em conta o mérito ao contratar professores? Em lugares como Harvard ou o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o MIT, os diretores das universidades contratam pesquisadores pagando o salário que consideram que eles valem. Aqui, isso não

é possível. Não temos diferenciação salarial. Não oferecemos premiações. Portanto, o único mecanismo de controle — e que não tem sido usado com muita eficiência — é a promoção. Mas são concursos em que o profissional concorre com ele mesmo, caso da livre-docência, ou com os demais, caso das vagas de professor titular. Há vantagens salariais nos dois casos. Um programa instituído em 2011 criou a progressão horizontal, sistema em que o profissional passa de doutor 1 para doutor 2 e vai evoluindo. As mudanças não pressupõem aprovação de uma banca, e os aumentos salariais que proporciona são menos significativos. É cedo ainda para saber se isso surtiu o efeito desejado. Criamos também um grupo para propor mudanças no regime de dedicação exclusiva, revendo critérios de promoção e progressão na carreira.

O sistema atual compromete a inovação? Os pesquisadores precisam se arriscar mais, sair da zona de conforto que os leva a projetos de sucesso garantido de antemão. Ora, isso permite que a vida deles transcorra sem surpresas muito positivas ou negativas, o tempo passa, eles criam vincu-

los estáveis e passam a dispor de uma estrutura de pesquisa. Para quê? Para continuarem repetindo experimentos consagrados. Tudo bem que isso, de certa forma, contribui para o progresso, mas não é essa abordagem que produz grandes e decisivas descobertas. Sem salto no escuro não surgem avanços revolucionários. Os que se arriscam mais são sempre os mais jovens. Depois eles se casam, têm filhos, ficam mais prudentes, e o sistema aceita. Atualmente, no Brasil, tanto as universidades quanto as agências de pesquisa premiam a prudência e inibem a inovação.

Recentemente, 110 alunos do programa Ciência sem Fronteiras retornaram ao Brasil por não terem fluência em inglês. Como essa deficiência afeta a produção acadêmica? Esse problema na Ciência sem Fronteiras serviu de alerta para todos. Ele é resultante também da má qualidade do ensino secundário. De modo geral, um estudante da PUC do Chile teve acesso ao ensino médio de maior qualidade e, diferentemente do brasileiro, já chega à faculdade competente em inglês. Mas não podemos nos esquivar do problema. Quando o graduando receber o diploma, ele trabalhará em uma sociedade global em que o inglês é necessário. Posso dizer que a prioridade número 1 da USP hoje é garantir o conhecimento da língua inglesa para os seus alunos. Já neste ano, a USP oferecerá aulas de inglês aos estudantes da graduação em parceria com o British Council.

A USP atualmente compromete 105% do que capta com a folha de pagamento e está próxima da insolvência. O senhor fazia parte do Conselho Universitário que aprovou as contas da gestão anterior. Como se chegou a essa situação? O Conselho Universitário não tinha consciência dessa situação financeira. Durante todo o segundo semestre do ano passado não houve reuniões do Conselho Universitário. Nem o próprio orçamento foi discutido e aprovado. Tivemos de apro-

vá-lo neste ano. Esses fatos não foram discutidos, ninguém tinha informações reais. Precisamos investigar onde tais decisões foram tomadas e onde as informações pararam de circular. Para isso, resolvemos contratar uma auditoria externa para buscar respostas a essas perguntas. Essa história precisa ser contada de maneira formal. Mas não é verdade que a universidade se encontra em estado de insolvência. Há uma dificuldade financeira conjuntural que será resolvida.

Como reduzir as despesas? Temos de lembrar que nas universidades públicas é possível contratar, mas não demitir. Então, a primeira medida foi conter a sangria. Suspendemos obras em andamento e revogamos um pedido feito pela gestão anterior de contratação de mais 535 docentes. Não estou falando de corrupção, mas de tomada de decisões. Temos de rever como chegamos a esse ponto e evitar novos equívocos.

Por que no Brasil não se adota o princípio óbvio e justo de cobrar mensalidade nas universidades públicas daqueles que podem pagar? A cobrança de mensalidade não é, a meu ver, uma alternativa para o financiamento da universidade pública no atual momento. No caso da USP em particular, sou contra a cobrança se o objetivo visado for obter uma nova e significativa fonte de recursos. Há inúmeros exemplos de iniciativas na área pública que mostram que, quando se introduz uma fonte de financiamento, ela logo deixa de ser adicional para se transformar em substituta. Muitas pessoas, no entanto, defendem o ensino pago como forma de justiça social e argumentam que isso poderia aumentar a inclusão, pois quem pode pagar ajuda a subsidiar quem não tem condições para isso. Se lembrarmos que a USP é financiada com recursos públicos arrecadados de pobres e ricos, o argumento da justiça social ganha força. Pessoalmente, temo que um ensino pago na USP possa representar não um avanço, mas um estrave à inclusão.

“O estudante da PUC do Chile, por exemplo, diferentemente do brasileiro, chega à faculdade falando inglês. E ele trabalhará numa sociedade global em que o inglês é necessário. Não podemos nos esquivar do problema.”

Mesmo se associado à oferta de bolsas de estudo a quem não pode pagar? Sim. Em São Paulo, 460 000 estudantes concluem o ensino secundário por ano. Destes, 82% vêm de escolas públicas. Mas, quando se examina o corte socioeconômico entre os aprovados para a USP, a relação se inverte. A inversão começa já na inscrição para o vestibular. Apenas 37% dos vestibulandos da USP são egressos da rede pública. A maioria dos alunos das escolas públicas já se exclui naturalmente e nem sequer se anima a prestar o exame vestibular para a USP. Esse quadro permanece apesar dos nossos esforços de propaganda e do programa de convites a alunos de escolas públicas para visitar a universidade. Muitos perguntam quanto teriam de pagar para estudar na USP. Se cobrarmos mensalidade, como explicaremos ao aluno que vem de uma escola da periferia que, caso ele seja aprovado, ainda terá de fazer outro concurso para tentar obter uma bolsa? Ele dirá: “Boa, nesta aqui não dá mesmo”.

O que o senhor pensa da atual política de cotas? Estou convencido de que

há outros meios que ainda não foram plenamente explorados — como o que a USP está adotando, na forma de bônus. Desde o ano passado, o estudante que vem de escola pública ganha um acréscimo de pontos na nota do vestibular e, aditivamente, sendo preto, pardo ou indígena, tem outro acréscimo. Essa bonificação pode representar 25% da nota, o que é bastante em uma disputa acirrada como a que temos. A meta é chegar a 2018 com metade dos alunos egressa da rede pública. Por enquanto, não temos queixas de que os alunos favorecidos pelo bônus social ou racial estejam tendo maior dificuldade para acompanhar os cursos ou sofrendo qualquer forma de segregação.

O senhor acha razoável que uma em cada duas vagas nas universidades federais seja preenchida por critérios indiferentes ao mérito, como determinado pela atual Lei de Cotas? A questão central é a seguinte: o que seria um critério meritocrático para a seleção de alunos para a universidade? Estamos acostumados a responder que é a avaliação do seu desempenho no vestibular. Só que o vestibular não revela os melhores talentos, apenas os mais preparados para ele. Para um aluno da rede pública, a chance de bom desempenho é reduzida. Isso não denota falta de talento, mas de oportunidade. Por isso, sou favorável a examinar a seleção para a universidade com base em mais de um critério, de forma que outros talentos, além do treino para o vestibular, possam ser avaliados de modo mais justo e eficaz.

O que falta para alguém da USP ganhar um Prêmio Nobel? Não tenho isso como meta. Temos de dar melhor condição de trabalho aos pesquisadores e reduzir as tarefas administrativas e burocráticas. As condições para fazer pesquisa competitiva estão no estabelecimento de um ambiente favorável, com parcerias como as que temos hoje. Não dá para criar pesquisa de qualidade isoladamente.

O médico Marco Antonio Zago assumiu em janeiro a reitoria de uma instituição que já teve dias melhores. A Universidade de São Paulo (USP) perdeu posições importantes nos rankings internacionais, vive uma dramática crise financeira e sai de uma greve para entrar em outra. Zago, no entanto, vê soluções. Na escala de preocupações desse paulista de Birigui, o desconhecimento da língua inglesa pelos alunos ocupa hoje o primeiro lugar (“Inglês é a ferramenta de que eles precisarão para trabalhar globalmente”). A falta de ousadia dos pesquisadores e a predominância da cultura sindicalista na vida universitária são outros entraves que tiram o sono do reitor. Zago falou a VEJA em seu gabinete na Cidade Universitária.

Recentemente, 110 alunos do programa Ciência sem Fronteiras retornaram ao Brasil por não terem fluência em inglês. Como essa deficiência afeta a produção acadêmica? Esse problema no Ciência sem Fronteiras serviu de alerta para todos. Ele é resultante também da má qualidade do ensino secundário. De modo geral, um estudante da PUC do Chile teve acesso ao ensino médio de maior qualidade e, diferentemente do brasileiro, já chega à faculdade competente em inglês. Mas não podemos nos esquivar do problema. Quando o graduando receber o diploma, ele trabalhará em uma sociedade global em que o inglês é necessário. Posso dizer que a prioridade número 1 da USP hoje é garantir o conhecimento da língua inglesa para os seus alunos. Já neste ano, a USP oferecerá aulas de inglês aos estudantes da graduação em parceria com o British Council.

Cenários Linguísticos

WORLD RANK	UNIVERSITY	COUNTRY	POSITION			SCHOLAR
			SIZE	VISIBILITY	RICH FILES	
1	Harvard University		2	3	20	1
2	Massachusetts Institute of Technology		1	1	1	5
3	Stanford University		6	2	5	17
4	University of California Berkeley		7	4	28	27
5	Cornell University		4	5	14	33
6	University of Washington		12	7	3	68
7	University of Minnesota		9	12	4	16
8	Johns Hopkins University**		40	21	42	2
9	University of Michigan		8	8	32	21
10	University of Wisconsin Madison		3	9	12	53
11	California Institute of Technology Caltech**		10	15	13	19
12	University of Texas Austin		13	13	6	62
13	University of Illinois Urbana Champaign*		26	11	9	61
14	University of Pennsylvania		27	10	29	20
15	Carnegie Mellon University		5	31	2	98

Fonte: www.webometrics.info Ranking das melhores universidades do mundo

Cenários Linguísticos

Ranking mundial de publicações científicas - Universidades

<u>World Rank ▲</u>	<u>University</u>	<u>11 years articles</u>	<u>Current articles</u>	<u>11 years citations</u>	<u>Current citations</u>	<u>Ave. citations</u>	<u>H-Index</u>	<u>HiCi papers</u>	<u>Hi-Impact journal articles</u>	<u>Total score</u>	<u>World Rank (FTE)</u>
1	Harvard University	100.00	100.00	100.00	100.00	61.41	100.00	100.00	100.00	96.14	1
2	Johns Hopkins University	56.57	54.83	46.44	48.49	50.41	74.67	37.10	43.27	52.67	8
3	Stanford University	51.45	49.20	43.51	43.18	51.93	72.00	45.23	43.47	51.63	2
4	University of Washington - Seattle	55.38	51.77	44.67	40.39	49.54	65.33	38.93	39.31	48.98	10
5	University of California - Los Angeles	57.01	53.85	39.67	41.45	42.73	64.00	36.23	39.02	47.56	9
6	University of Michigan - Ann Arbor	55.06	55.52	37.42	37.27	41.05	62.67	31.42	38.28	45.71	11
7	Massachusetts Institute of Technology	37.35	36.90	31.48	37.56	51.75	72.00	38.97	34.07	44.86	3
8	University of California - Berkeley	49.84	45.17	36.00	35.96	44.35	60.00	40.29	33.87	44.26	6
9	University of Pennsylvania	48.61	45.31	35.48	36.82	44.82	66.67	28.72	35.26	44.03	14
10	Columbia University	45.24	44.94	32.63	34.84	44.30	64.00	30.34	35.87	42.92	15

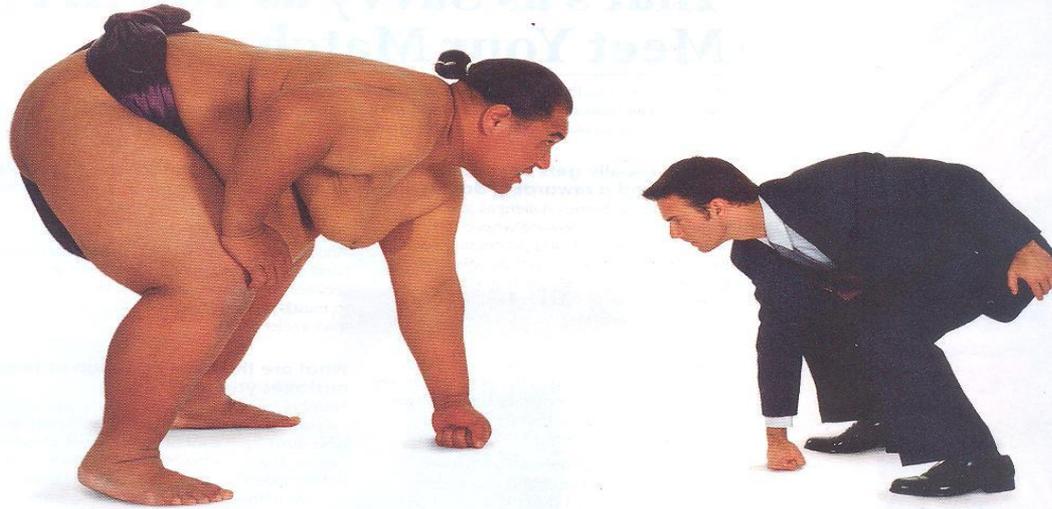
Fonte: ranking.heeact.edu.tw

Cenários Interculturais



*Between what I think
what I want to say
what I think I am saying
what I say
what you want to hear
what you hear
what you think you understand
what you want to understand
and what you understand
there are at least 9 chances
that we will not understand each other*

BERNARD WEBER



DON'T GO INTO INTERNATIONAL MARKETS WITHOUT THE PROPER EQUIPMENT.

- Translation, Interpretation, and Multicultural Marketing
- Litigation Support and Electronic Data Discovery
- Online Document Collaboration and Virtual Data Rooms
- Global and Multilingual Staffing

To find out more about how TransPerfect can support you in global markets, contact us at info@transperfect.com or visit us online at www.transperfect.com.



TRANSPERFECT

Cenários Educacionais



Crianças da Chapel School, de São Paulo, reúne 700 alunos de 30 nacionalidades.

Cenários Educacionais

colégio
trilíngue
inovação
PRÉ-ESCOLA - ENSINO FUNDAMENTAL - ENSINO MÉDIO
Seu horizonte começa aqui

**VENHA ESTUDAR NO
ENSINO MÉDIO**

MATRÍCULAS ABERTAS **FONE 49 3322 4422**

E PREPARE-SE PARA AS MELHORES UNIVERSIDADES
DO BRASIL E DO EXTERIOR!

Cenários Educacionais

7 PASSOS ATÉ LÁ

Não basta ser o melhor aluno do colégio. É preciso mais. O que os especialistas recomendam a quem pretende cursar o ensino superior fora do Brasil. É passar uma temporada fora

- 1 AJUSTE O FOCO**
O talento tem um fôlego. Mais importante que ser um gênio no colégio é ter dedicação, foco e organização para estudar
- 2 DESTAQUE-SE NA ESCOLA**
É importante tirar boas notas durante todo o ensino médio. Se você decidir tentar as universidades de fora só no meio do caminho, mostre um salto de desempenho
- 3 AMPLIE O LEQUE**
Não fique restrito às universidades do topo do ranking. Há outras 177 à frente da mais bem colocada brasileira, a USP. Escolha entre 5 e 10 instituições, de acordo com seu perfil
- 4 INVISTA NO INGLÊS**
A exigência da língua inglesa é alta para cursar as boas universidades americanas. Comece cedo para se sair bem em testes como o Toefl
- 5 TENHA VIDA PRÓPRIA**
Praticar esporte, fazer trabalho social ou tocar instrumentos é muito valorizado. Mas é melhor se dedicar a duas atividades com entusiasmo que a muitas com desleixo
- 6 PEÇA AJUDA**
Algumas empresas auxiliam o estudante durante a aplicação para as universidades. Nas redes sociais, o grupo BSCUE aconselha (de graça) os interessados no processo
- 7 COMECE CEDO**
Comece a inscrição com, no mínimo, um ano de antecedência. As etapas são burocráticas e você pode se atrapalhar se deixar tudo para a última hora

Fontes: EducationUSA e ILRio



Cenários Educacionais



Aeroporto Internacional dos Guararapes – Recife-PE

9 de setembro de 2015

Prof.^a Dr.^a Luciane Stallivieri
Janeiro de 2013

66

Professora! Eu vou para uma escola de samba. Pois elas além de ter patrocínios, elas tem ajuda do governo. E a nossa que é pública não recebe nada.

?



Cenários Educacionais



Cenários Educacionais



VIDA
Para inspirar-se

EDUCAÇÃO

☆☆☆

HARVARD, AÍ VAMOS NÓS

A jovem ao lado passou em seis universidades americanas. Ela faz parte de uma nova geração que, por meio da educação, quer conquistar o mundo

Aline Ribeiro e Thais Lazzeri

Numa sala de aula com alguns jovens imberbes, além de meia dúzia de meninas que parecem compenetradas, a professora pergunta com exagerada naturalidade:

- Alguém aí já ouviu falar da constante de Faraday?
- Silêncio.
- E de carga elementar?
- Silêncio de novo. Ela insiste:
- Quem nunca escutou levanta a mão.

Os espectadores são alunos com mais ou menos 18 anos de um cursinho particular de São Paulo, o Etapa. Estudam para enfrentar o vestibular do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), um dos mais concorridos do país. A professora Tabata Amaral de Pontes conduz a aula de eletroquímica com postura de doutora. Responde às dúvidas individualmente. Na lousa, escreve fórmulas que, aos desabituaados, mais parecem grego ou húngaro. Tabata não tem cabelo de cientista maluco, tampouco a cara do nerd clássico. Com apenas 18

anos, ela usa aparelho nos dentes, tênis All Star, calça jeans detonada e presilha tic tac para não deixar a franja cair em seu rosto de menina. Nem por isso é menos respeitada pelos alunos, que a chamam de professora, inclusive os mais velhos do que ela.

Tabata acaba de ser aceita em seis instituições que fazem parte da lista das 20 melhores universidades do mundo: Instituto de Tecnologia da Califórnia (CalTech), Yale, Princeton, Colúmbia, Harvard e Pensilvânia. Enquanto o ano letivo nos Estados Unidos não começa, dividiu-se entre o curso de física na Universidade de São Paulo (ah, sim, ela também passou na USP) e uma maratona de atividades, como dar aulas em cursinho e trabalhar num projeto social. Detalhe importante: ela vem de uma família da Vila Missionária, bairro de classe média baixa na Zona Sul de São Paulo. Estudou em colégio público até o começo da 7ª série. Nos demais anos, ganhou uma bolsa do próprio Etapa, onde hoje ensina alunos que pagam uma mensalidade de R\$ 1.500.

Foto: Marcelo Spantora/EPOCA

78 | EPOCA | 21 de maio de 2012



MUITAS OPÇÕES

Tabata de Pontes em São Paulo. Ela passou duas semanas nos Estados Unidos para conhecer a rotina das universidades que a aceitaram. Optou por Harvard

Cenários Educacionais



Cenários Educacionais

UM BOM MOMENTO PARA O DIPLOMA INTERNACIONAL

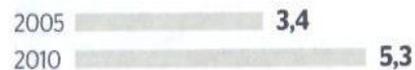
Real fortalecido. Mais dinheiro para viajar. Incentivos do governo. Como as mudanças recentes no país e no mundo encurtaram o caminho entre o jovem brasileiro e as faculdades estrangeiras



EM CASA

O brasileiro está viajando mais. O contato com culturas de outros países ajuda a despertar a vontade de estudar no exterior e de passar um tempo longe de casa

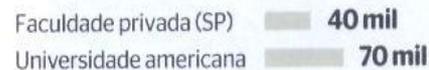
Número de turistas em viagens internacionais - em milhões)



NA ECONOMIA

O real está fortalecido. Embora ainda seja mais caro estudar e morar fora, a diferença entre o custo de uma universidade estrangeira e nacional privada vem caindo

Quanto custa estudar e morar hoje - Em R\$ por ano



NO GOVERNO

O governo nunca estimulou a presença dos brasileiros nas universidades de fora tanto quanto agora. Com o programa Ciência sem Fronteiras, deve conceder

100 mil

bolsas entre graduação e pós até 2015



CIÊNCIA
SEM FRONTEIRAS

Cenários Educacionais

[10/04/2012 - Presidente Dilma quer ampliar capacitação de brasileiros nos EUA](#)

A capacitação de estudantes brasileiros e parcerias nas áreas de educação, ciência e tecnologia têm destaque na agenda da primeira visita oficial da presidente Dilma Rousseff aos Estados Unidos. Com esse foco, a presidente visita hoje (10), em Boston, duas das mais respeitadas instituições de ensino dos EUA, a Universidade de Harvard e o Massachusetts Institute of Technology (MIT). A passagem por Boston faz parte dos esforços para promover o programa Ciência Sem Fronteiras (CsF), que tem como meta enviar 100 mil bolsistas para estudar no exterior.

A expectativa é de que cerca de um quinto desses bolsistas vá para os Estados Unidos. Harvard já integra o programa, e o MIT fará parte a partir de hoje. Atualmente, 800 bolsistas brasileiros já estudam nos EUA como parte do programa.

O governo brasileiro, porém, quer que mais universidades americanas recebam estudantes. A agenda da comitiva brasileira inclui a assinatura de 14 acordos na área de educação relativos ao CsF.

A busca por capacitação dos brasileiros é um esforço para combater o problema de escassez de mão-de-obra qualificada no país, que se tornou mais visível após uma década de crescimento econômico e baixos índices de desemprego e, caso não seja solucionado, pode acabar atrasando o desenvolvimento.

Como observa o diretor do Brazil Institute do centro de pesquisas Woodrow Wilson, em Washington, Paulo Sotero, o Brasil melhorou até certo nível, mas precisa "resolver problemas domésticos estruturais e fazer sérias reformas" se quiser avançar mais. (Com informações da BBC Brasil)



DATENA "Adoraria ter um infarto e empacotar agora"

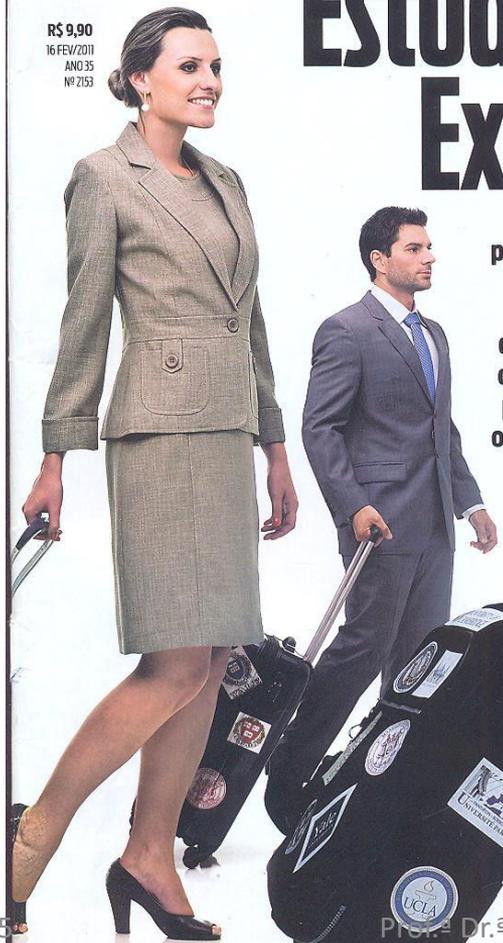
CHANTAGEM Centrais sindicais exigem 1,3 mil cargos no governo e controle sobre R\$ 200 bilhões

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
www.istoe.com.br

ISTO É

Estudar no Exterior

R\$ 9,90
16 FEV/2011
ANO 35
Nº 2153



Do ensino médio à pós-graduação, nunca foi tão fácil ampliar a formação fora do Brasil. Saiba como chegar lá e o que você precisa para escolher o curso certo e preparar a sua viagem



Os caminhos para entrar nas melhores universidades

Os países mais procurados

Como obter bolsas de estudo



Comportamento

O MELHOR MOMENTO PARA ESTUDAR NO EXTERIOR

Mais de 200 mil brasileiros de todas as idades devem deixar o País em busca de educação em escolas estrangeiras este ano. Com o real forte, o caminho está aberto para aspirações de todos os gostos e bolsos

Claudia Jordão e João Loes

Prof.^a Dr.^a Luciane Stallivieri



Cenários Tecnológicos



Figura 1 – O mundo em polvorosa com tantas informações e comunicações

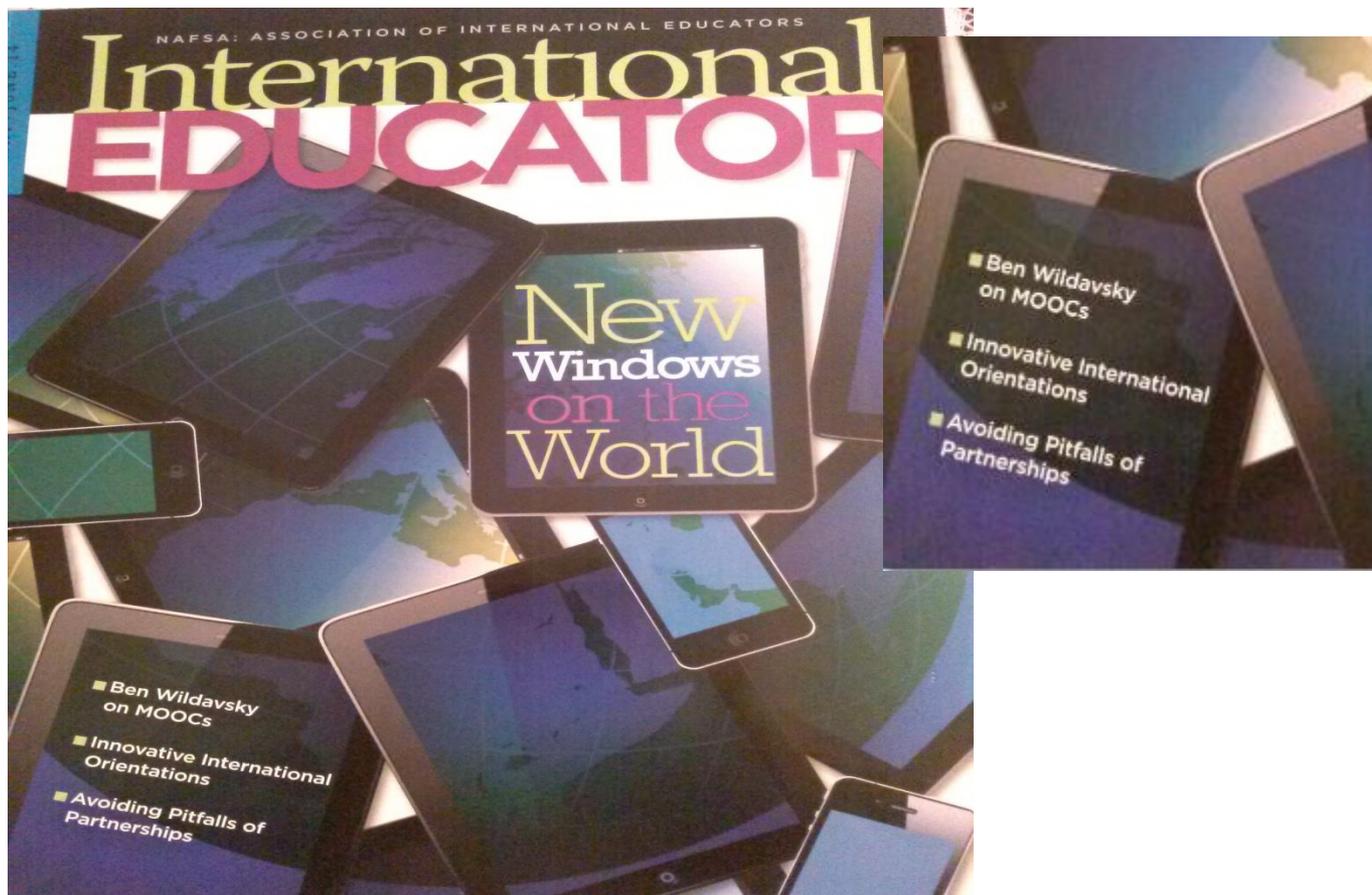
TENHO O NETBOOK...
TENHO O MP3... TENHO A PEN DRIVE...
TENHO O IPAD... PAI, O QUE É QUE
VOCÊS USAVAM NA VOSSA ESCOLA???

A CABEÇA !!!



*Perioti

Cenários Tecnológicos



Internacionalização



Uma universidade que quer marcar presença e ter liderança no campo da educação superior e no desenvolvimento científico e tecnológico tem como imperativo, hoje em dia, o incremento de suas **relações interinstitucionais e internacionais.**

A expansão da dimensão internacional da educação superior, mais do que uma opção, é uma responsabilidade de todas as instituições para todos os programas.

(Declaração da Unesco, 1998)

Internacionalização da Educação

© UNESCO, 2003

Educação superior: reforma, mudança e internacionalização. Anais.
– Brasília : UNESCO Brasil, SESU, 2003.
208p.
Conferência Mundial sobre Educação Superior +5
Paris, 23-25 de junho de 2003.
1. Educação Superior 2. Reforma Educacional I. UNESCO

CDD 378



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Representação no Brasil

SAS, Quadra 5 Bloco H, Lote 6, Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar.

70070-914 – Brasília/DF – Brasil

Tel.: (55 61) 2106-3500

Fax: (55 61) 322-4261

E-mail: UHBRZ@unesco.org.br

BR/2003/PI/H/2

Internacionalização da Educação

INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

TENDÊNCIAS E DESENVOLVIMENTO DESDE 1998

Trabalho preparado pela
Associação Internacional de Universidades

Maio de 2003

Conferência Mundial da UNESCO

- ◆ A CI no ensino superior deve ser baseada na **solidariedade e respeito mútuo e na promoção de valores humanistas e diálogo intercultural**. Como tal, deve ser incentivada, apesar da desaceleração econômica.
- ◆ As IES de nível mundial tem responsabilidade social de ajudar a ultrapassar o falta de desenvolvimento através do aumento da **transferência de conhecimento além das fronteiras**, especialmente para os países em desenvolvimento, e trabalhar para encontrar soluções comuns para promover a “circulação de cérebros” e atenuar o impacto negativo da “fuga de cérebros”.

Paris, 2009.

Conferência Mundial da UNESCO

- ◆ As **redes internacionais de universidades** e as parcerias são uma parte desta solução e contribuem para reforçar o entendimento mútuo e a cultura de paz.
- ◆ Parcerias para **a pesquisa** e intercâmbio de estudantes promovem a CI. O incentivo à **mobilidade acadêmica** equilibrada deve ser integrada a mecanismos que garantam uma verdadeira colaboração multilateral e multicultural.

Paris, 2009

Conferência Mundial da UNESCO

- ◆ Parcerias devem fomentar a criação de *national knowledge capabilities* em todos os países envolvidos, garantindo fontes diversificadas de alta qualidade de pesquisa e produção do conhecimento em escala regional e global.
- ◆ Para que a globalização do ensino superior beneficie a todos, é essencial garantir a equidade no acesso e sucesso para promover a qualidade e o *respeito à diversidade cultural*, bem como à soberania nacional.

Paris, 2009

Internacionalização

- Uma universidade que quer marcar presença e ter liderança no campo da educação superior e no desenvolvimento científico e tecnológico tem como imperativo, hoje em dia, o incremento de suas **relações interinstitucionais e internacionais.**
- A expansão da dimensão internacional da educação superior, mais do que uma opção, é uma responsabilidade de todas as instituições para todos os programas.
- (Declaração da Unesco, 1998)



**KEEP CALM,
WORK HARD
AND
STOP THE
MIMIMI**

Internacionalização



A internacionalização das instituições é o processo de introdução da **dimensão internacional** na cultura e na estratégia institucional, nas funções de formação, investigação e extensão e no processo da oferta e de capacidades da universidade.

(Jesus Sebastián, 2004)

Internacionalização



Surge como a resposta dos países aos impactos do fenômeno da globalização.

Surge como uma resposta pró-ativa, como um conjunto de esforços das universidades para se adaptarem a um mundo globalizado.

Surge como forma de promover o reconhecimento, o respeito pelas diferenças e pela identidade cultural, enquanto a globalização desenvolve a homogeneização.

(Gacel-Ávila,2004)



Internationalisation has become a mantra in higher education. The knowledge economy is a global network, we are told, and universities across the world are encouraged to ‘plug in’ in various ways in order to reap the benefits of global interconnectedness, as well as to avoid the perils of parochialism.

Rankings are the new currency of quality, English the official language of science – there is a discourse of convergence that promotes the inevitability of a singular vision for university structure, function and aims.

The field of global higher education takes no prisoners and you need to adapt or die – or so reads one dominant narrative of internationalisation.

Internacionalização



“A internacionalização deve ocorrer na pesquisa, pois ali está o locus das relações internacionais. Sem o envolvimento dos pesquisadores, a cooperação não se fortalece.”

Internacionalização

Conjunto de atividades realizadas entre ou por instituições de educação superior que, através de múltiplas modalidades, colaboram no âmbito da **gestão institucional, do ensino, da pesquisa e da extensão.**

(Jesus Sebastián, 2004)

Cenários Acadêmicos



“Developing countries, particularly the BRIC nations of China, India and Brazil, account for a large portion of the increase in science research publications. From 2002 to 2007, the three BRIC countries more than doubled their spending on science research, bringing their collective share of global spending up from 17 to 24 percent.”

Cenários Acadêmicos



1. O *peer review score* representa 40% da avaliação no ranking mundial.
2. O *citation faculty score* corresponde a 20% da avaliação no ranking mundial.
3. A relação *faculty student score* representa outros 20% da avaliação no ranking mundial.
4. O *recruiter review score* representa 10% da avaliação.
5. Receber mais professores estrangeiros altamente qualificados, bem como ter mais abertura a estudantes estrangeiros: cada um desses critérios corresponde a 5% da avaliação.



- **Indicador de Internacionalização**
 - Citações internacionais por docente: Considera a quantidade de citações aos trabalhos da universidade feitas em artigos de grupos de pesquisa internacionais em relação ao número de docentes da mesma instituição, em 2012
 - Proporção de publicações em coautoria internacional: Considera o percentual de publicações feitas em parceria com pesquisadores estrangeiros em relação ao total de publicações da instituição, entre 2010 e 2011

The *Times Higher Education* World University Rankings 2014-2015

- The *Times Higher Education* World University Rankings 2014-2015 list the best global universities and are the only international university performance tables to judge world class universities across all of their core missions - teaching, research, knowledge transfer and international outlook. The top universities rankings employ 13 carefully calibrated performance indicators to provide the most comprehensive and balanced comparisons available, which are trusted by students, academics, university leaders, industry and governments



13 performance indicators

SUBJECT RANKINGS METHODOLOGY													
Indicator	Total students/ academic staff	PhD awards/ bachelor	PhD/Academic staff	Reputation Survey (teaching)	Institutional Income/ Academic staff	Scholarly papers/ Academic Staff	Research income/ Academic Staff	Reputation Survey (research)	Citations: Research impact	Income from industry/ Academic Staff	Ratio of International to domestic staff	International co-authorship	Ratio of International to domestic students
	Teaching: The learning environment					Research: volume, income and reputation			Citations per paper	Industry income: innovation	International outlook		
ARTS & HUMANITIES													
Group weight	37.5					37.5			15	2.5	7.5		
Indicator weight	3.8	1.9	4.7	25.3	1.9	3.8	3.8	30	15	2.5	2.5	2.5	2.5
CLINICAL, PRE-CLINICAL & HEALTH, LIFE SCIENCES & PHYSICAL SCIENCES													
Group weight	27.5					27.5			35	2.5	7.5		
Indicator weight	2.8	1.4	4.1	17.9	1.4	4.1	4.1	19.3	35	2.5	2.5	2.5	2.5
ENGINEERING & TECHNOLOGY													
Group weight	30					30			27.5	5	7.5		
Indicator weight	3	1.5	4.5	19.5	1.5	4.5	4.5	21	27.5	5	2.5	2.5	2.5
SOCIAL SCIENCE													
Group weight	32.5					32.5			25	2.5	7.5		
Indicator weight	3.3	1.6	4.9	21.1	1.6	4.9	4.9	22.8	25	2.5	2.5	2.5	2.5



International outlook

- This category looks at **diversity on campus** and to what degree academics collaborate with international colleagues on **research projects** - both signs of how global an institution is in its outlook.

The ability of a university to **attract undergraduates and postgraduates from all over the planet** is key to its success on the world stage: this factor is measured by the ratio of international to domestic students and is worth 2.5 per cent of the overall score.

International outlook

The top universities also compete for **the best faculty** from around the globe. So in this category we adopt a 2.5 per cent weighting for the ratio of international to domestic staff.

In the third international indicator, we calculate the proportion of a university's total **research journal publications** that have at least one international co-author and reward higher volumes.

This indicator, which is also worth 2.5 per cent, is normalized to account for a university's subject mix and uses the same five-year window as the "**Citations: research influence**" category.

13 performance indicators





Five areas

- Teaching: the learning environment (worth 30 per cent of the overall ranking score)
- Research: volume, income and reputation (worth 30 per cent)
- Citations: research influence (worth 30 per cent)
- Industry income: innovation (worth 2.5 per cent)
- **International outlook: staff, students and research (worth 7.5 per cent).**

Internacionalização



“Publique ou pereça! Essa assertiva também serve para a internacionalização. Quem não publica internacionalmente jamais será internacional.”

A quarta missão da Universidade





“Depois de um período marcado pela iniciativa individual dos membros da comunidade acadêmica e de um outro em que a instituição universitária, finalmente consciente da importância do assunto, procura enquadrar e alargar essa iniciativa na base de um empirismo permissivo e acolhedor que “dispara em todas as direções”, chega o momento em que se torna necessário fixar objetivos e definir opções.

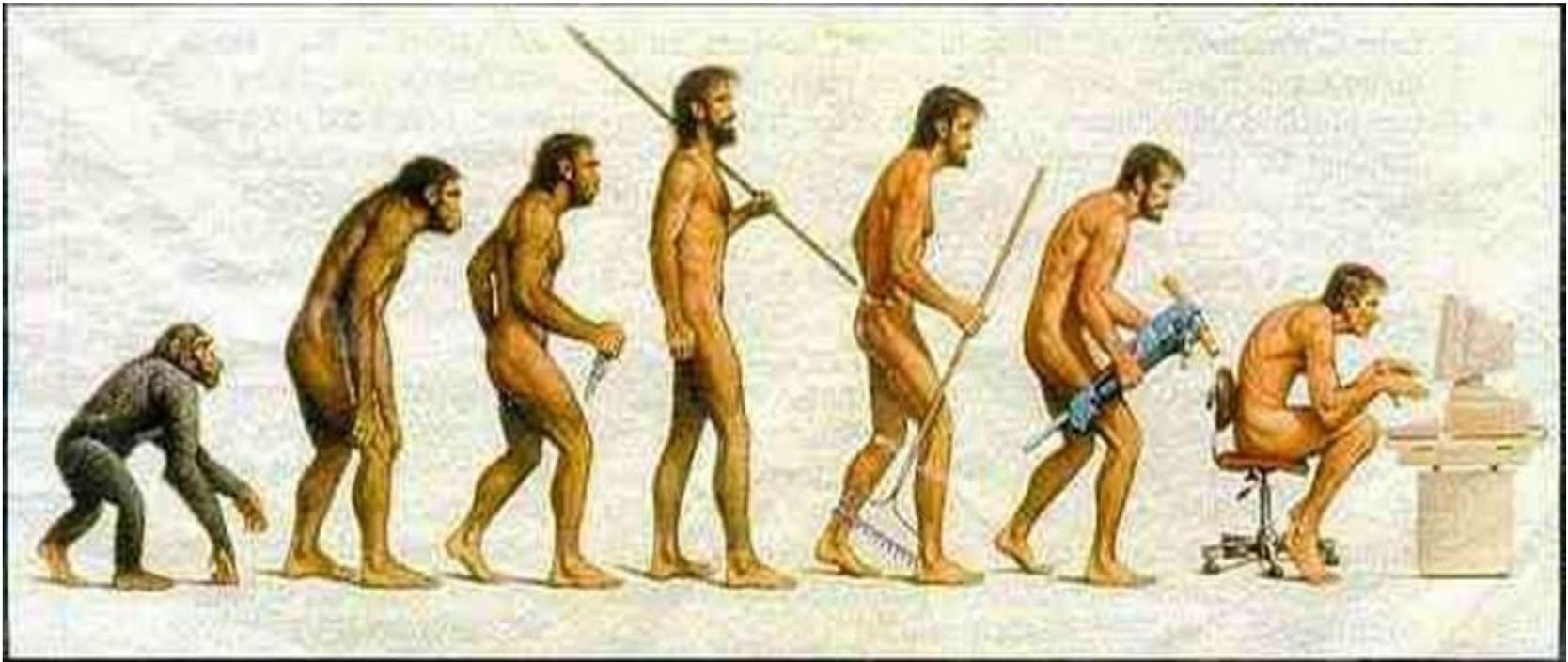
É quando a universidade compreende as potencialidades da internacionalização e do seu fecundo inter-relacionamento com as restantes missões.”



Repousando em bases materiais e institucionais consolidadas, procurando responder aos desafios sociais do nosso tempo, a internacionalização transforma-se em **missão da universidade** quando esta é capaz de mobilizar, de uma forma intencional e consciente, para com ela atingir os seguintes objetivos:

- reforçar projetos conjuntos e integradores;
- dar maior dimensão às suas atividades de formação, de pesquisa e de inovação;
- conduzir uma agenda própria de diplomacia cultural universitária;
- contribuir para a consolidação de espaços integrados do conhecimento.

- **A internacionalização também evoluiu???**





Primeira geração da Internacionalização

- Cooperação assistemática
- Realizada de forma individual
- Frágil envolvimento das instituições
- Colaboração focada na investigação
- Poucos atores envolvidos
- Resultados pouco difundidos
- Inexistência de infra-estrutura (RH, \$)



Segunda geração

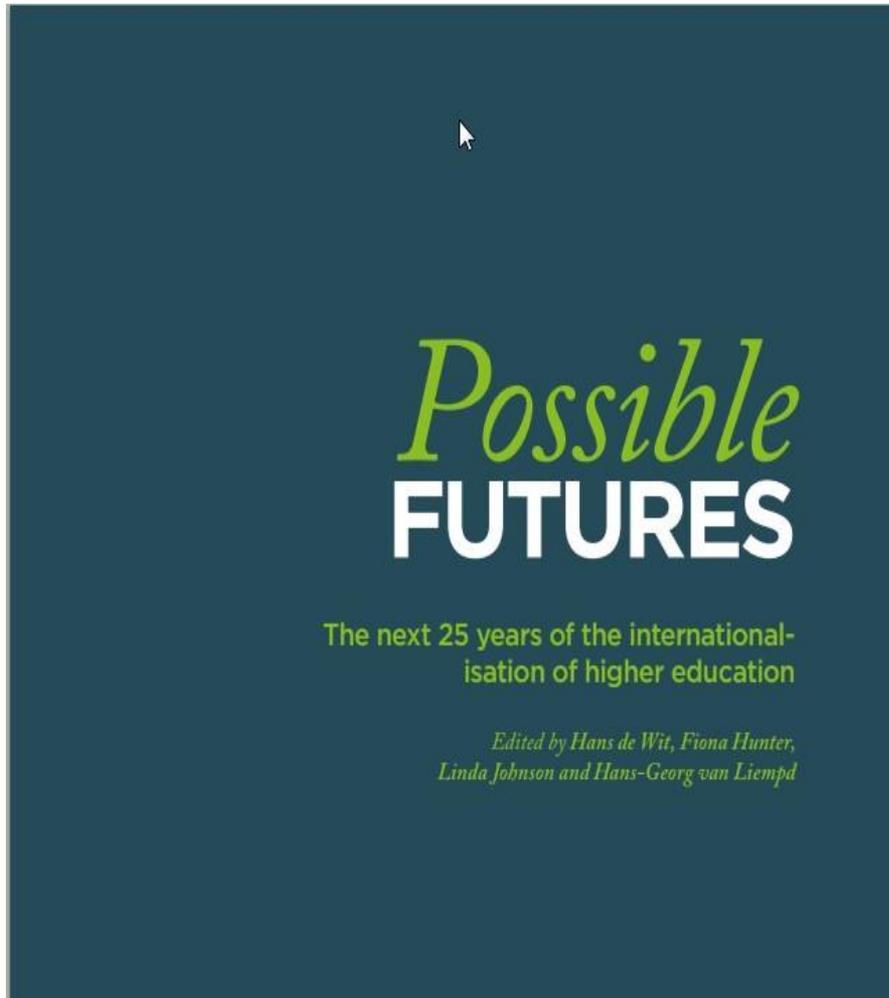
- Sistemática e organizada.
- Investimento por parte dos governos.
- Criação de estruturas para a gestão da CI.
- Definição orçamentária para a CI.
- Capacitação dos gestores.
- Multiplicação de acordos de CI.
- Aumento da mobilidade.



Terceira geração da internacionalização

- Rever o papel do professor/aluno
- Rever as práticas pedagógicas
- Capacitação linguística
- Vivência internacional (professores e alunos)
- Cuidado com quem vai!!!
- Cuidado com quem chega!!!
- Cuidado ainda maior com quem retorna!!!
- Faculty engagement!!!!

E os próximos 25 anos...?



De Wit, Hans, Fiona Hunter, Linda Johnson and Hans-Georg van Liempd, eds. *Possible Futures, The Next 25 Years Of The Internationalization Of Higher Education* (Amsterdam, European Association For International Education, 2013).



“O processo de integrar uma perspectiva internacional a uma faculdade ou universidade, trata-se de visão atual, orientada para o futuro, multidimensional, interdisciplinar, sob liderança consolidada que envolve muitos participantes interessados (“stakeholders”), trabalhando para **mudar as dinâmicas internas de uma instituição com o propósito de responder e adaptar adequadamente a um ambiente externo cada vez mais diverso, globalmente focado e sob mudanças constantes.”**

Ellingboe, 1998

Center for Internationalization and Global Engagement



Articulated
institutional
commitment



Administrative
structure and
staffing



Curriculum,
co-curriculum,
and learning
outcomes



Faculty policies
and practices



Student
mobility



Collaboration
and
partnerships

Comprehensive Internationalization

Internationalizing the Curriculum



Educação Intercultural



Teacher Preparation for the Global Age

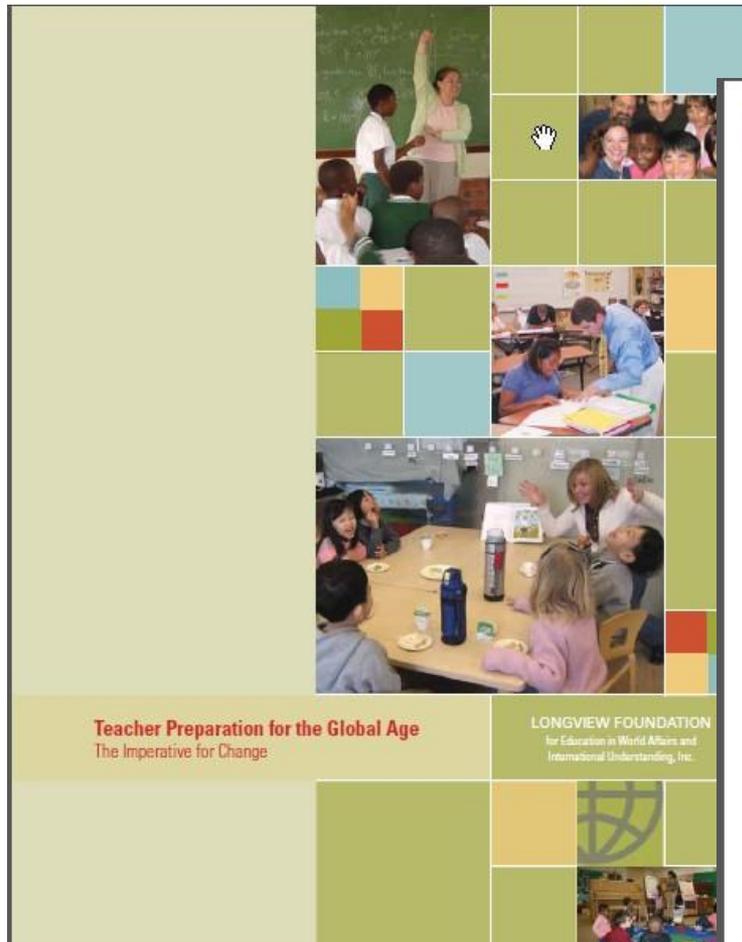


Table of Contents

Preface	3	Offer International Experiences at Home, Abroad, and Online	21
Introduction: Educating Tomorrow's Teachers for an Interconnected World	4	International Experiences at Home.....	21
What Is Global Competence?	7	International Experiences Abroad.....	22
Strategies to Prepare Globally Competent Teachers	8	Study Abroad for Pre-Service Teachers.....	22
Engage Leadership and Faculty, and Develop a Plan	9	Student Teaching Abroad.....	22
Create a Globally Oriented General Education Program	9	International Experiences Online.....	24
Recruit Students with International Interests and Experiences into Teaching	12	Prepare World Language Teachers	26
Faculty Development for Global Teaching and Learning	13	Improving the Quality of World Language Instruction.....	26
Recruiting and Rewarding Internationally Minded Teacher Educators.....	13	Increasing the Number of World Language Teachers Especially in Less-Commonly Taught Languages.....	27
Globally Focused Faculty Professional Development.....	13	Assess Impact	29
International Experiences for Faculty.....	15	Conclusion: A Challenge to Higher Education and Its Partners	30
Visiting International Faculty.....	15	Advisors and Contributors	31
Internationalize Professional Education Courses	15	Appendix 1: Sample Global Competencies Lists	33
Social Foundations of Education.....	15	High School Students.....	33
Child Development.....	16	College and University Students.....	33
Working with English Language Learners.....	16	Teachers.....	34
Instructional Methods Courses.....	16	Appendix 2: Using Technology to Learn About the World	36
Social Studies.....	17	Appendix 3: Federal Resources	37
English and Language Arts.....	18	Endnotes	38
Science.....	19		
Mathematics.....	19		
Visual and Performing Arts.....	19		
Physical Education and Health.....	20		

Teacher Preparation for the Global Age: The Imperative for Change **1**

Internacionalização



“O grau de internacionalização de uma IES pode ser medido pelo número de estudantes enviados ao exterior.”

Institucionalizar...

“Without data you are just another person with an opinion”.

Andreas Schleicher - OCDE



Making Academic Research Accessible - The Case of Research in Higher Education Internationalization

In 2010, **more than 4 million students** were studying outside their home countries. According to the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, this number may rise to **8 million international higher education students by 2025**. This globally mobile population of mainly young people seeking education represents an investment in crucial assets for sending countries, which is essential for future development, prosperity and welfare, as students return home with increased knowledge and skills prepared for global citizenship. For receiving countries, these students bring cultural and intellectual diversity to the institutions and the countries they visit, often representing a source of revenue for those institutions and communities, and in other cases a source of skilled labour in the current knowledge based economy. For sending countries, however, this might be a cause of brain drain and increased dependence.

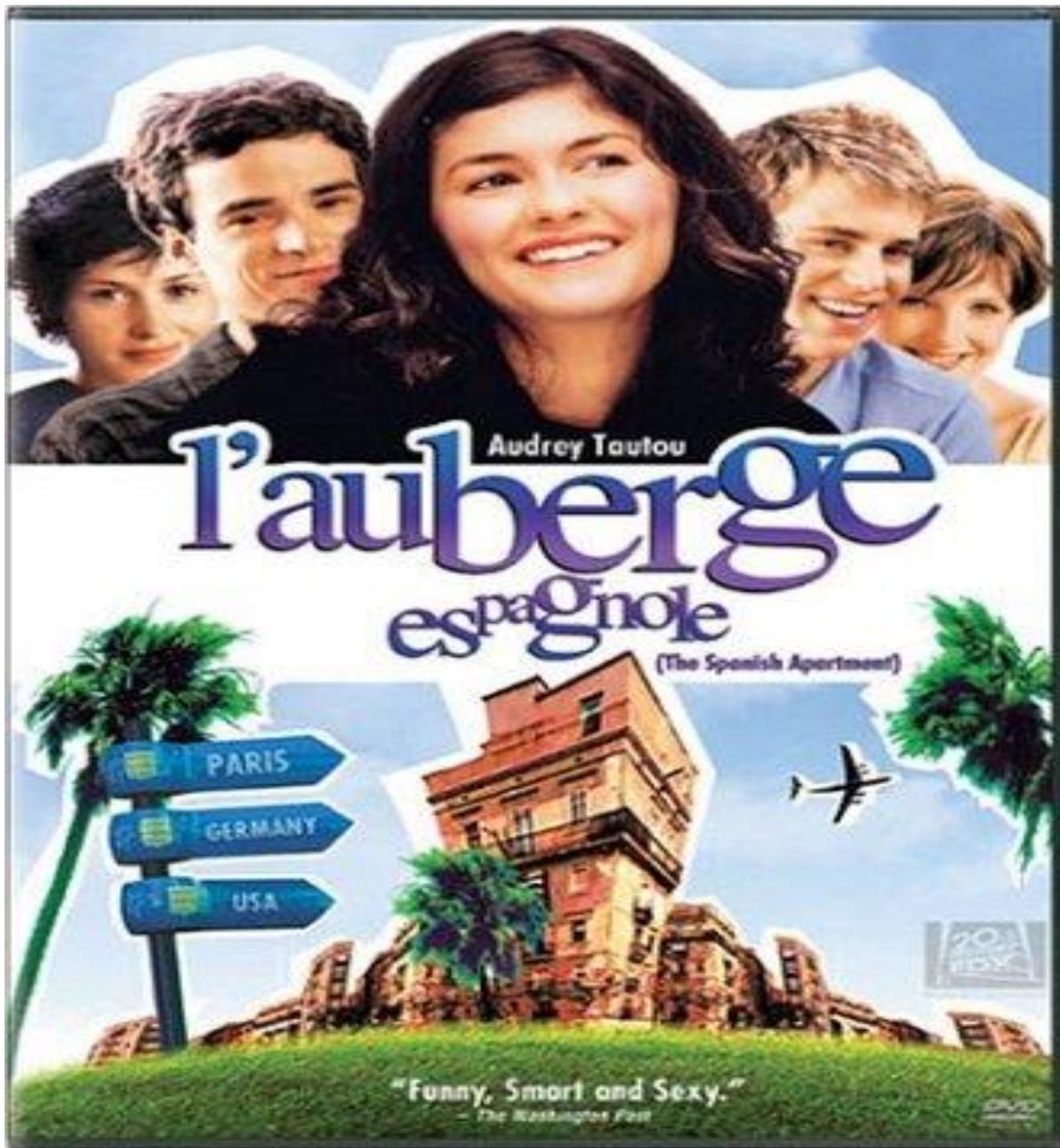
Instância que mais pressiona a IES a se internacionalizar

Quadro n.6: Instância que mais pressiona a IES se internacionalizar

Atores	Número de respondentes
Estudantes	10
Direção/Gestores	5
Professores	4
Pesquisadores	3
Administração acadêmica	3

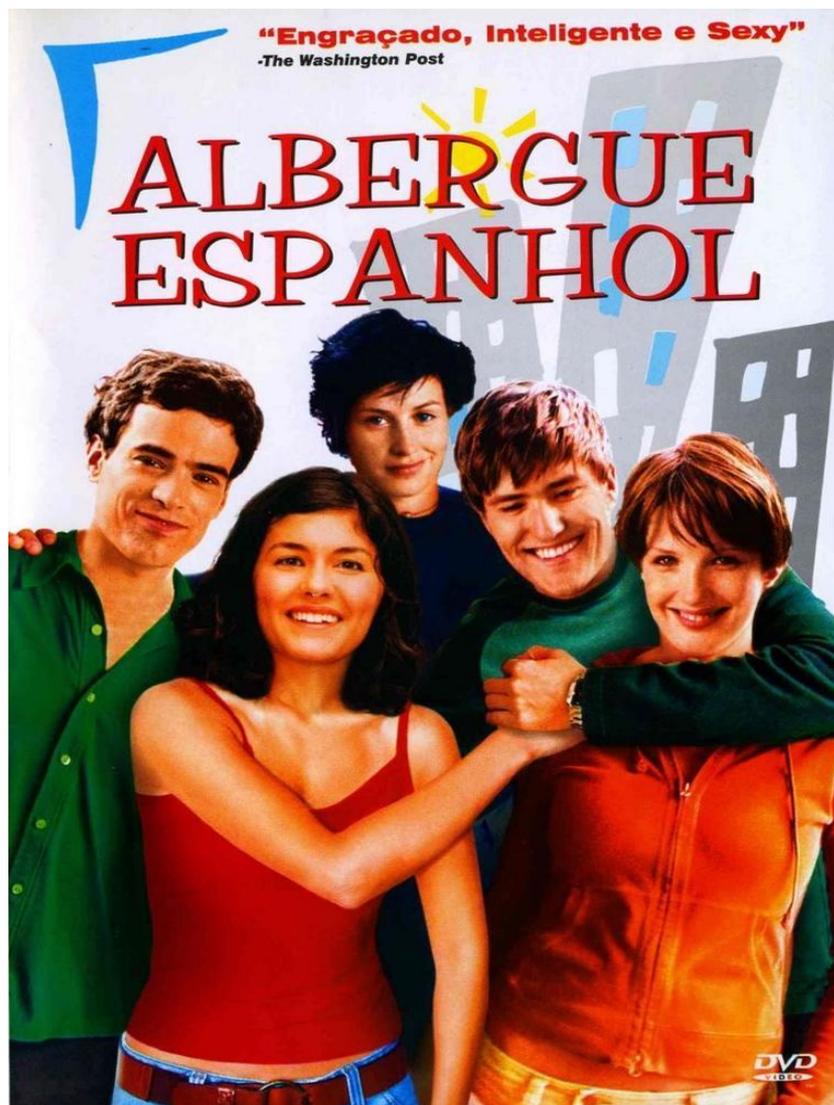
Fonte: 17 Questionários aplicados e processados em abril de 2008.

CORREIA LIMA, Manolita; BETIOLI CONTEL, Fábio. Características atuais das políticas de internacionalização das instituições de educação superior no Brasil. **Revista e-Curriculum, PUCSP – SP**, Volume 3, número 2, junho de 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>

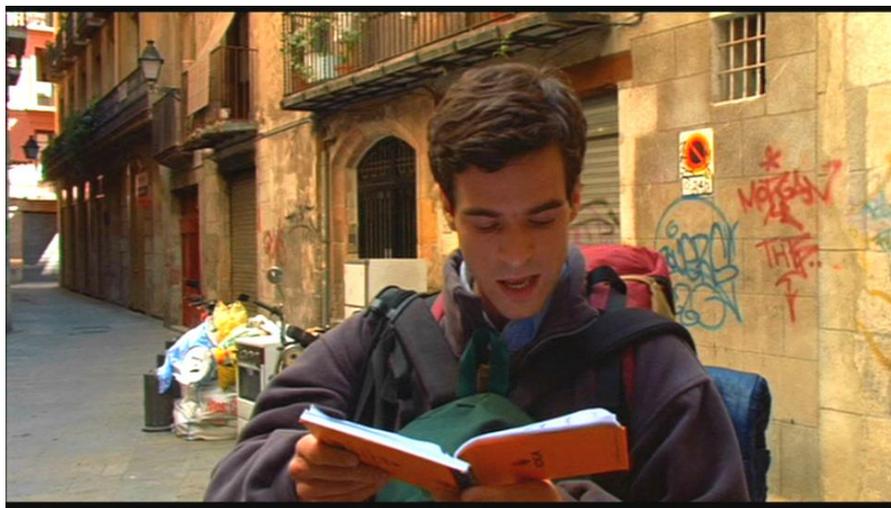




L'Auberge espagnole é um filme de comédia dramática e romântica franco-espanhol de 2002, escrito e realizado por Cédric Klapisch. Protagonizado por Romain Duris, Judith Godrèche, Audrey Tautou e Kelly Reilly. Tendo como cenário Barcelona, a história acompanha o destino de Xavier, um estudante de Economia, que viaja através de um programa de intercâmbio popular na Europa, o *Erasmus*.



Albergue Espanhol retrata com muita graça e humor esse rito de passagem. A saída da casa dos pais para a aventura e desafios de ser independente, fazer o que bem quiser e ter que arcar com as consequências. Unidos pelo Erasmus, sistema europeu de intercâmbio universitário que possibilita essa troca de países e o estudo equivalente em outra cidade da Comunidade Europeia, ele também possibilita com que os jovens convivam com outras culturas e aprendam outros modos de vida. Aliás, as discussões sobre a identidade de cada um dos povos, sobre os diferentes idiomas, sobre os novos desafios, medos, angústias e dúvidas é muito interessante. Um retrato da vida universitária não só da Europa, mas mundial. Além, é claro, de mostrar a bela Barcelona nas suas festas, lugares turísticos, bares, música, ruelas, e tudo mais que tem de encantador por lá.



Xavier chega à Espanha totalmente despreparado, sem saber falar espanhol e catalão, triste por deixar a sua namorada para trás, confuso sobre quem é ou que laços pode criar nesta cidade estrangeira. Em busca de um lugar para ficar, ele acaba por encontrar um casal francês recém-casado, um médico e sua solitária esposa, Anne-Sophie, que lhe oferecem o sofá. Depois, encontra um lugar definitivo, um apartamento com sete estudantes europeus de nacionalidades tão variadas quanto as suas personalidades e sexualidade. Segundo Xavier, a multiplicidade de línguas faz lembrar o caos que existe na sua cabeça.

Desafios

- “[...] O papel de uma instituição de Ensino Superior é formar cidadãos para o mercado global, portanto, com competências para transitar em ambientes multiculturais. [...]”
- Para tanto, é fundamental o desenvolvimento de habilidades específicas (inteligência cultural) através de uma educação intercultural.
- “[...] O maior desafio para a educação superior será lidar com a diversidade cultural. [...]”

(Stallivieri,2009)

Mobilidade Acadêmica

- O objetivo é a formação de cidadãos em uma sociedade global, interdependente e multicultural, capazes de valorizar e respeitar as diferenças culturais, e participar de maneira responsável e ativa na solução dos problemas globais.

(Gacel-Ávila, 2004)

Educação Internacional ou Educação Intercultural???

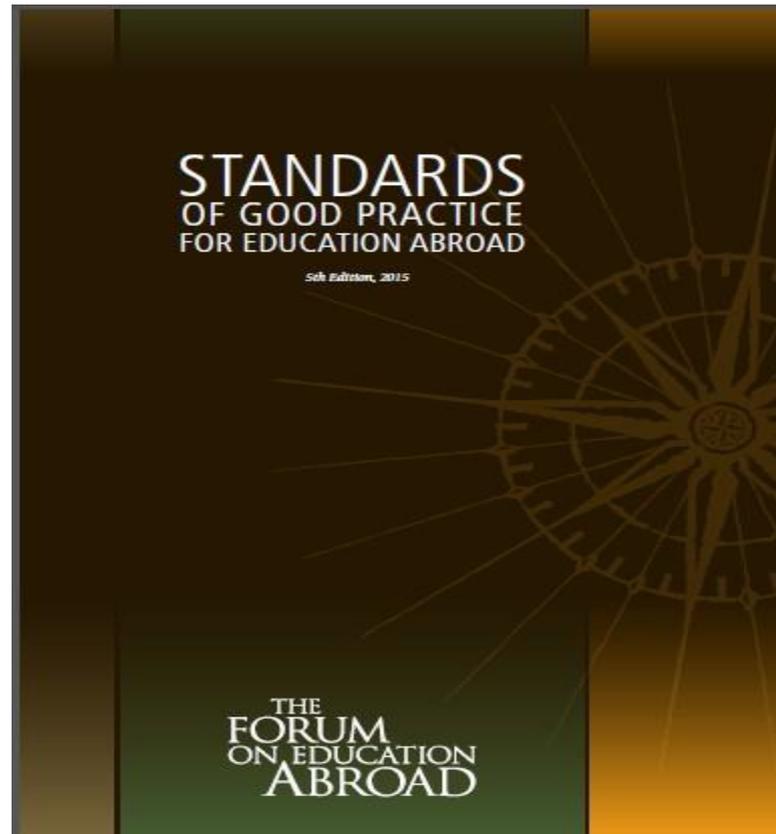
- Educação intercultural é a educação do novo milênio, que estimula a compreensão entre pessoas de diferentes países ou grupos.
- É um processo de conscientização do nosso potencial para nos relacionarmos com outros povos.
- Ela permite e promove a nossa aproximação com o outro...

Amyr Klink



“Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver.”

The Forum on Education Abroad



Inserção internacional de uma IES comunitária

VEJA AQUI OS PAÍSES ONDE A UCS TEM CONVÊNIO PARA INTERCÂMBIO.



PROGRAMA DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL

- Realização de um semestre de estudos no exterior
- Aproveitamento de créditos
- Imersão em línguas estrangeiras
- Interação com outras culturas
- Mais de 100 universidades conveniadas

Assessoria de Relações Internacionais - internacionais@ucs.br - www.ucs.br



9 de setembro de 2015

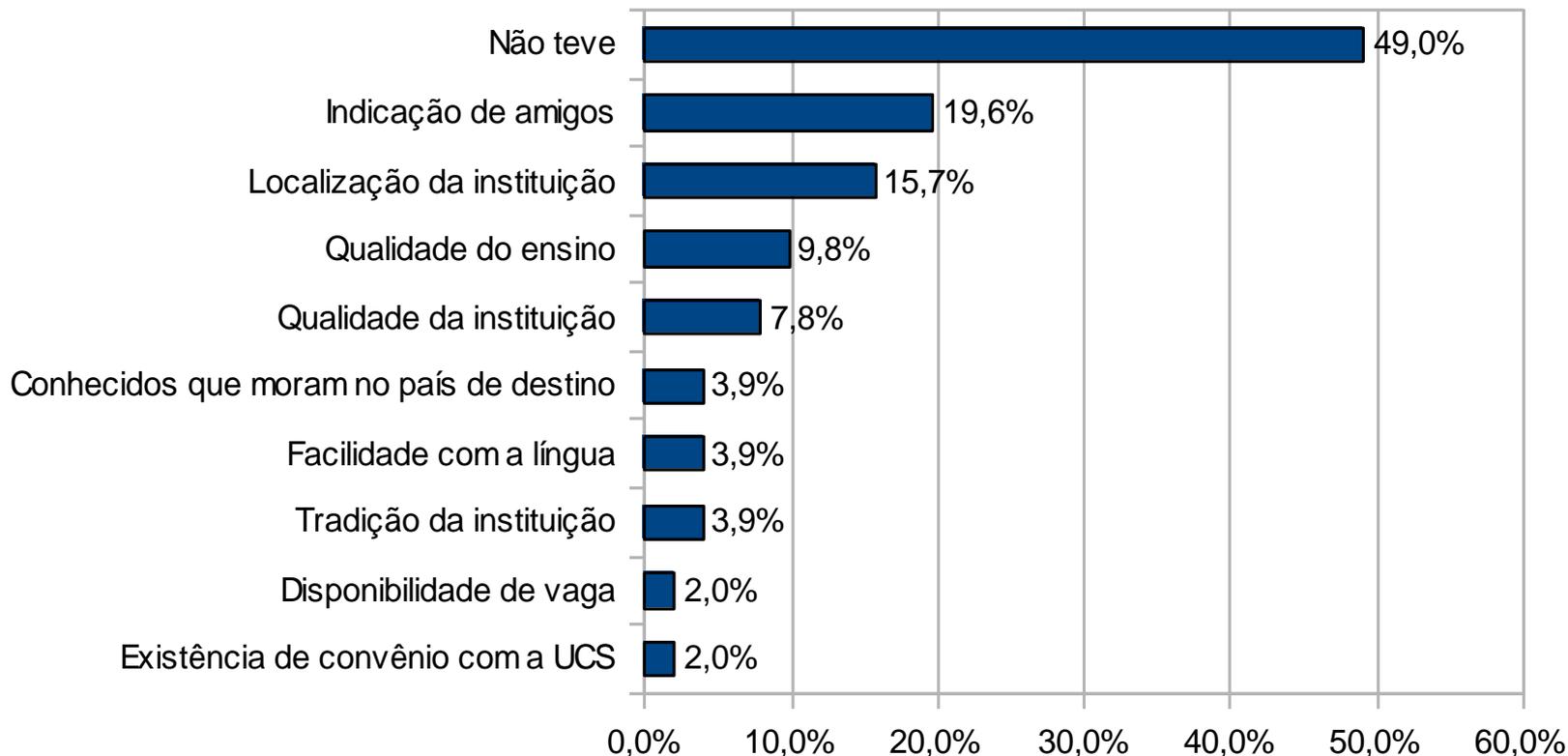
Prof.ª Dr.ª Luciane Stallivieri

129



Escolha da instituição de destino

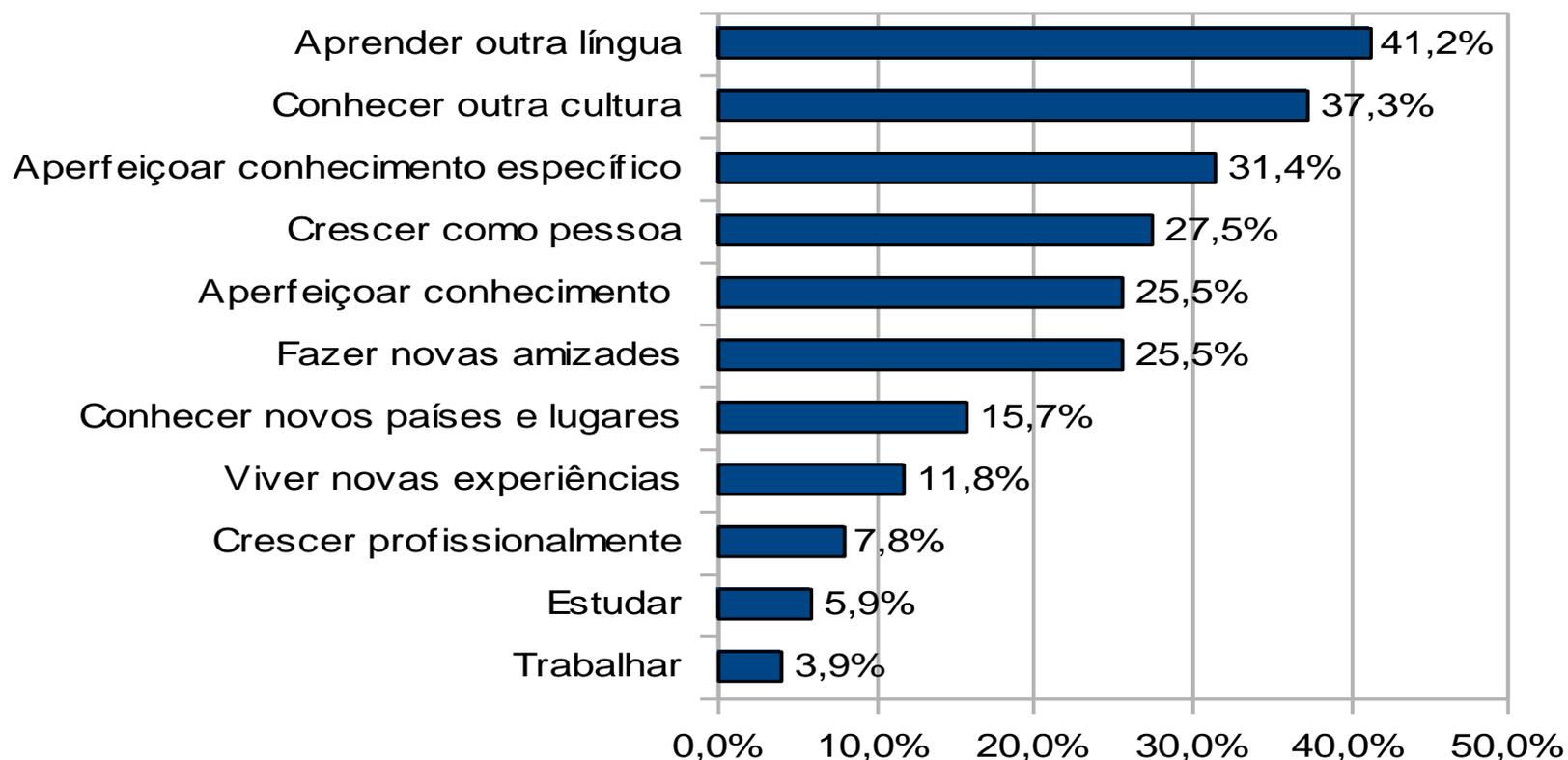
Crítérios para a escolha da instituição



Fonte: Stallivieri, L. Tese de doutorado, 2010

Objetivos com o intercâmbio

Objetivos que espera alcançar



Fonte: Stallivieri, L. Tese de doutorado, 2010

Prezados Colegas Gestores de Relações Internacionais,

Há algumas semanas, convidei o aluno Guilherme de Rosso Manços, aluno da UFRN ex-bolsista do CsF, para, depois de testemunhar sua atuação em projetos interessantes em seu curso, propor-lhe que desenvolvesse uma ação para despertar o interesse dos alunos da UFRN para a internacionalização, acreditando que uma ação desenvolvida por alunos tendo os próprios alunos como alvo poderia ser mais eficaz.

Fui, então, surpreendido com uma iniciativa que um grupo de ex-bolsistas do CsF vem desenvolvendo. Em princípio, o relato que Guilherme me fez me deixou envergonhado, por acreditar que algo dessa ordem deveria partir dos docentes ou dos próprios gestores do programa. Refletindo melhor, porém, acho que devemos ficar felizes, pois há alunos que estão demonstrando, na prática, serem exatamente os alunos críticos e propositivos para cuja formação tanto trabalhamos.

Guilherme e seus colegas Luciano Telesca (UFPEL), Deborah Celestrini (UFRJ) e Monique Gasparoto (USP) criaram a **Rede CsF**, que hoje se define da seguinte forma: "A **Rede CsF** é um ambiente de integração entre participantes de Mobilidade Acadêmica Internacional e parceiros, para troca de experiências, conhecimentos e oportunidades. Colocando a mão na massa, queremos desenvolver a Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação no Brasil." Em outras palavras, são alunos cientes do papel que deverão desempenhar no futuro do país e que percebem a importância da mobilidade internacional em sua formação. O objetivo da Rede CsF é exatamente manter acesa essa consciência, propondo, em princípio ser a rede "referência para pessoas com experiência em Mobilidade Acadêmica Internacional que desejam atuar no desenvolvimento da Ciência, da Tecnologia, da Inovação e da Educação no Brasil", para, mais tarde, tornarem-se "uma rede de ampla atuação no desenvolvimento dessas áreas e participarem "nas tomadas de decisão do país que geram alto impacto na sociedade"

Em menos de quatro meses de existência, a Rede já conta com mais de 900 membros registrados, abrangendo todas as universidades do país e com vínculo em 19 países. Além disso, já mantém um diálogo direto com os gestores do programa CsF na CAPES (estarão todos amanhã, no lançamento da segunda fase do CsF, em cerimônia no Palácio do Planalto), bem como com outras organizações como o PUBBoston e alguns consulados americanos.

Meu entusiasmo com essa proposta me leva a sugerir a todos os colegas que não só integrem a rede, através do preenchimento do formulário disponível no site (<http://www.redecsf.org/#!/registro/chv5>), mas que também a divulguem entre seus alunos que regressam da mobilidade. Sugiro também que a Rede CsF seja convidada a participar da FAUBAI, pois assim poderemos contar com a participação efetiva dos alunos, com qualidade e pertinência em nossas discussões sobre o processo de internacionalização do Ensino Superior brasileiro.

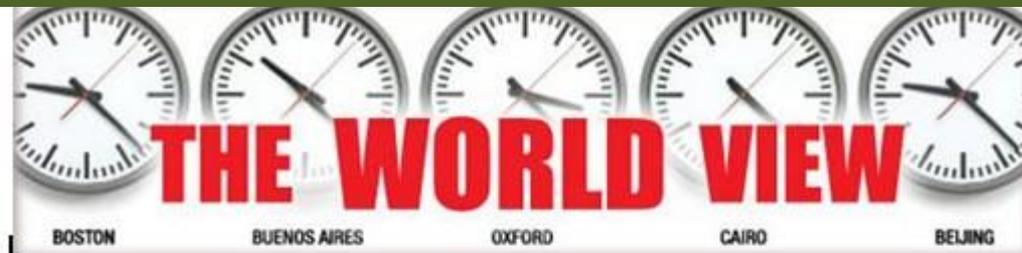
Cordialmente,

Prof. Dr. Márcio Venício Barbosa
Secretário de Relações Internacionais e Interinstitucionais - UFRN

Internacionalização



“Não é necessário validar os créditos no retorno do intercâmbio do aluno. O importante é a experiência internacional que ele desenvolve no exterior”.



THE WORLD VIEW



A blog from the Center for International Higher Education

Brazil's Science Without Borders Program

May 31, 2015 - 5:33pm

By

[Luciane Stallivieri](#)

One of the most commendable initiatives of the Brazilian government, with respect to higher education, was the launching of the Science without Borders Program— “a program that seeks to promote the consolidation, expansion, internationalization of science, technology,



Ciência sem com Fronteiras

CONVERSAVAM dois membros da comissão de revalidação de diplomas de engenharia, de uma universidade brasileira séria. Espantavam-se com a burocracia do sistema. Dadas as regras, eles teriam de reprovar os próprios diplomas, se fossem submetidos à revalidação. Isso porque, em vez de buscarem correspondência com os currículos mínimos do MEC, as regras internas mandam que se faça comparação com o currículo vigente.

Se recebessem currículos de engenheiros graduados da Caltech, MIT, Carnegie Mellon, Tecnológico de Zurique ou Imperial College, as mais celebradas escolas nesse campo, eles teriam de negar a revalidação. Engenheiros da Universidade de Illinois, com seus 22 prêmios Nobel, prestam hoje assistência técnica a esse mesmo departamento. Se submetessem a esses dois senhores seus diplomas para revalidação, seriam rejeitados.

Há boas razões para não revalidar diplomas de qualquer universidade estrangeira. Em países cujo ensino superior é mais frá-

güil do que o nosso, há cursos mais fracos do que os piores daqui. Mesmo países sérios oferecerem, só para estrangeiros, cursos improvisados. Há arapucas de fim de semana e outras concebidas para ludibriar a legislação brasileira. Se há suspeição, impõe-se uma avaliação rigorosa, caso a caso.

Triste é falar das dificuldades de obter visto de trabalho para estrangeiros que trazem experiência e conhecimento que não temos — em contraste com os estímulos oferecidos pelo Canadá e Austrália. É de desanimar. Intenções de melhorar o sistema não faltam. Mas a equação política é maldita. Se a maioria é momentaneamente a favor, mas há uma minoria aguerrida que se opõe, sabemos o que vai acontecer, seja com revalidações ou quaisquer outras mudanças de regras. A maioria não briga. Pode até resmungar, mas engole.

Alguns ministros mostraram boas intenções, mas não ousaram arrostar os representantes mais venenosos do seu rebanho. No caso, professores universitários e sindicatos. Passa o tempo e o sistema não muda. Em contraste, abundam movimentos sub-reptícios para criar atalhos e regras ad hoc para revalidar automaticamente diplomas de certos países e de cursos de fim de semana, muito piores do que os nossos.

Podemos facilmente chegar à situação paradoxal de ver revalidados diplomas de “quase médicos” e o engenheiro do MIT não conseguir a mesma façanha. No fundo, parte do problema é a velha reserva de mercado. Para quem já está dentro, o ferrolho da lei é um maná dos deuses. Para o país, uma perda.

O ensino privado também ama as proteções legais. Um arquiteto brasileiro ganha uma bolsa da própria universidade, para fazer um mestrado em Cornell, cotada entre as dez melhores escolas de arquitetura dos Estados Unidos. Já obteve dois prêmios nacionais. Recentemente, a revista *Wulfpaper* incluiu um projeto dele como um dos vinte assinados por arquitetos jovens. Mas, como seu mestrado não foi revalidado, a universidade cancelou a oferta de uma posição docente, mesmo considerando que o MEC não exige mestrado ou doutorado de todos os professores.

O programa Ciências sem Fronteiras é um corajoso e notável avanço na contramão disso tudo. Mas lidou com a ida, não com a volta dos bolsistas. Nossa ciência é com fronteiras.

“Triste é falar das dificuldades de obter visto de trabalho para estrangeiros que trazem experiência e conhecimento que não temos”



gil do que o nosso, há cursos mais fracos do que os piores daqui. Mesmo países sérios oferecerem, só para estrangeiros, cursos improvisados. Há arapucas de fim de semana e outras concebidas para ludibriar a legislação brasileira. Se há suspeição, impõe-se uma avaliação rigorosa, caso a caso.

Mas por que não aceitar quase automaticamente os diplomas das 500 melhores universidades do mundo? Ou a lista das universidades cujos diplomas são aceitos dentro da Comunidade Europeia? Ou os procedimentos simplificados adotados por alguns países?

Como está, diplomados de cursos amplamente melhores do que os nossos são submetidos a critérios burocráticos, são tratados com má vontade e é glacial a velocidade de avanço da papelada dentro da bu-

CLAUDIO DE MOURA CASTRO é economista

BRUNO BASTOS

Dificuldades encontradas

1. Nível Acadêmico

- **Inadequação dos conteúdos cursados com os que foram previamente selecionados**
- **Comunicação inexistente entre os professores estrangeiros e os alunos**
- **Falta de orientação por parte dos tutores na instituição estrangeira**
- **Desconhecimento de bibliografia prévia solicitada pela instituição estrangeira**
- **Diferença dos ambientes educacionais**
- **Diferenças nos sistemas educacionais**

Fonte: Stallivieri, L. Tese de doutorado, 2010

Dificuldades encontradas

2. Nível Administrativo

- Desconhecimento dos sistemas de educação superior
- Dificuldades na obtenção de informações adequadas sobre os diferentes sistemas de educação
- Resistência na recepção e aceitação de documentos trazidos do Exterior
- Inabilidade no entendimento de documentos redigidos em línguas estrangeiras
- Diferenças dos sistemas de créditos e equivalências
- Diferenças nos sistemas de avaliação
- Diferenças nos sistemas de carga horária

Fonte: Stallivieri, L. Tese de doutorado, 2010

Dificuldades encontradas

3. Nível Linguístico

- Inadequação do nível de comunicação identificado pelo estudante no país de origem e no país anfitrião
- Indisponibilidade de oferta de cursos de língua estrangeira
- Diferenças na avaliação do nível de conhecimento linguístico dos estudantes
- Resistência à adaptação linguística, diante de diferentes falares locais
- Falta de disponibilidade de aprendizado de outra língua

Fonte: Stallivieri, L. Tese de doutorado, 2010

Dificuldades encontradas

4. Nível Intercultural

- Falta de interação com a cultura estrangeira
- Inabilidade em lidar com o desconhecido
- Alto grau de exposição à situações de stress cultural
- Inabilidade de lidar com o stress cultural reverso
- Resistência em conviver ou aceitar diferentes hábitos
- Falta de flexibilidade, tolerância, aceitação do diferente
- Julgamentos inadequados ou precipitados
- Posição reativa ao novo ou ao diferente
- Desconhecimento da comunicação verbal/não verbal
- Desconhecimento dos hábitos, crenças e valores

Fonte: Stallivieri, L. Tese de doutorado, 2010

"E aí, garota... és
garota de programa?"

- de um professor que
adora imitar o sotaque bra-
sileiro (e falar asneiras)

“Mesmo com toda XENOFOBIA,

COIMBRA é BEM MELHOR que
São Paulo, não é?”

- Diretor da FLUC.

Minha resposta: NÃO!

"O que é isso" nada!
Calas a boca ou levás
umas bofetadas!

-Dito por um jovem
Português depois de cuspir
na minha cara.

“ **BURRO!**

Aprenda a falar/
escrever o português
direito.”

**TUDO ISSO PORQUE SOU
BRASILEIRO**

“MAS VOCÊ É
BRASILEIRA!”

- QUANDO RECUSEI UMA
INVESTIDA SEXUAL.

IF SABE O QUÊ

BRASILEIRA

FALA QUANDO VAI TIRAR FOTO?

PÊNIS. 71

DEPOIS ELE SORRIU IRONICAMENTE...

"As alunas **brasileiras** precisam cuidar o comportamento, caso contrário, reforçarão o estereótipo de **prostitutas, putas ou fáceis.**"

"conselho" de uma professora.

"Os BRASILEIROS E OS
PRETOS DEVIAM TODOS
MORRER!"

-carteira da FLUC
(sala 3)

“A sedentarização
começou c/ a domesticação
do gado, nomeadamente, o porco,
a vaca... e a mulher”

- Professor da UL



destroy racism
be like a panda
he's black
he's white
he's asian





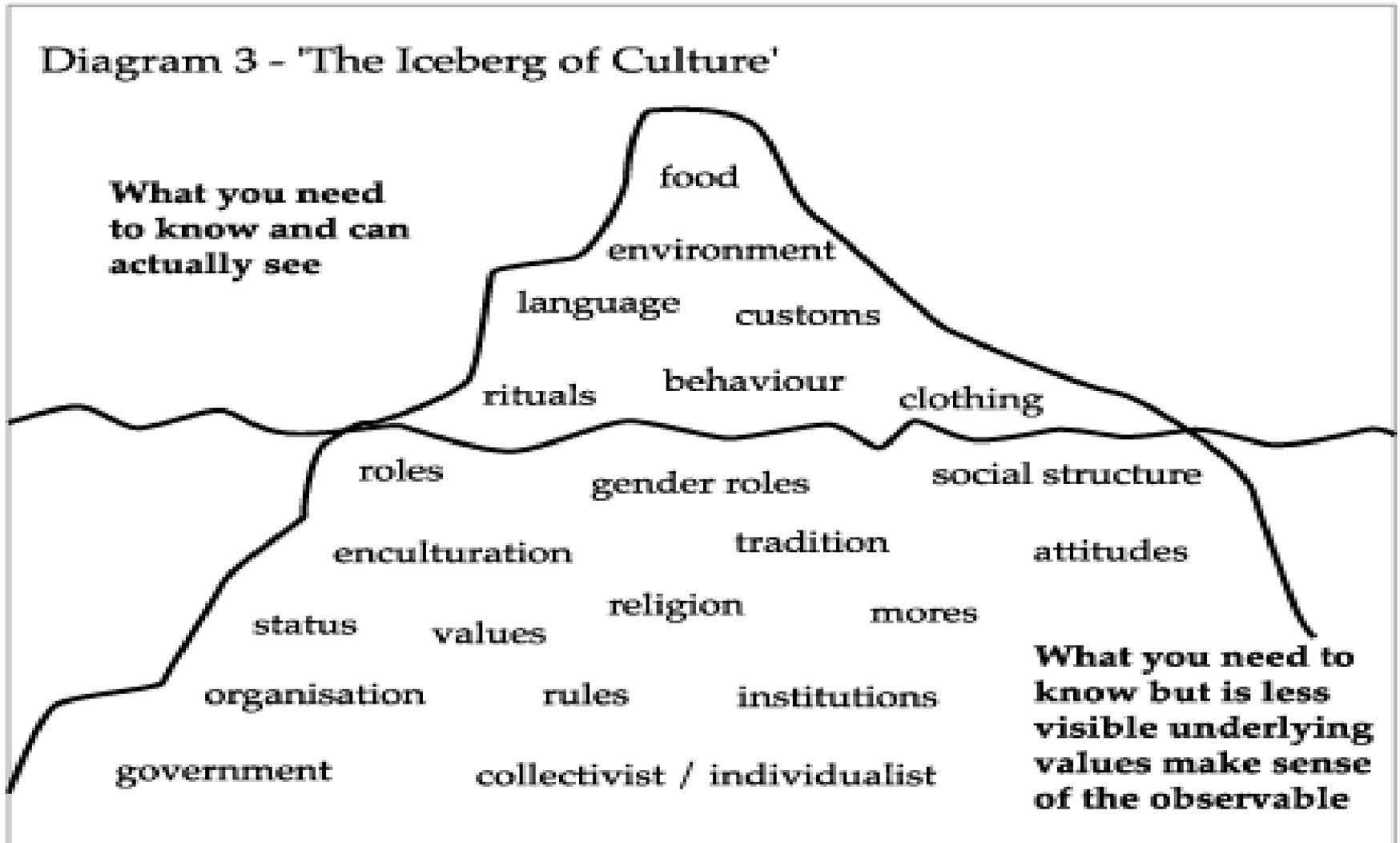




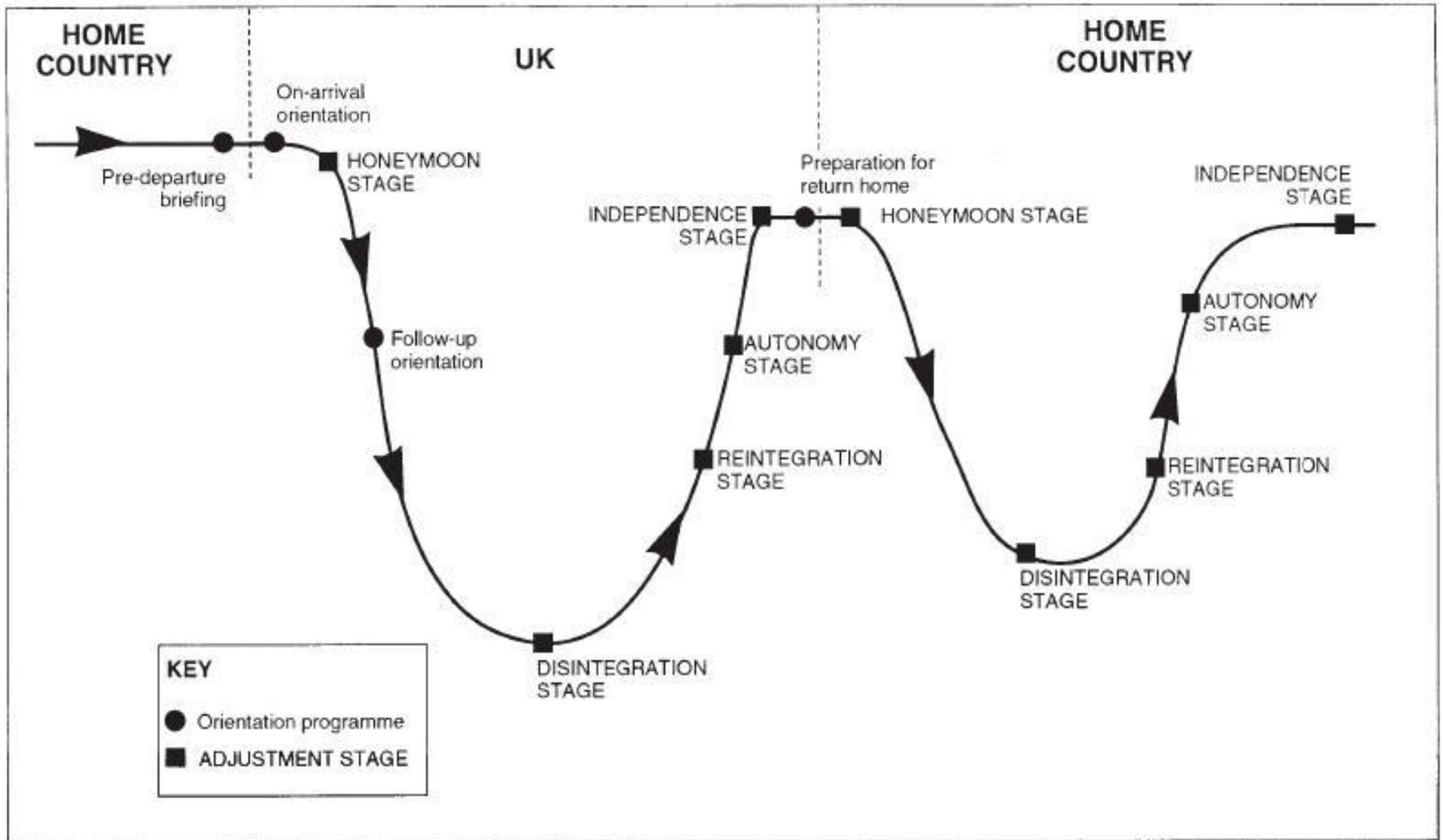
Mobilidade Acadêmica



Mobilidade Acadêmica



◆ W-CURVE: stages of adjustment experienced during orientation



Adapted from "Orientated for Success", edited by M. Barker, Australian International Development Assistance Bureau, 1990.

Proposições apresentadas

1. Nível Acadêmico

- Definição dos resultados esperados com a mobilidade
- Identificação de áreas geográficas de excelência área escolha dos parceiros/destinos
- Identificação de IES com qualidade acadêmica para as ações de cooperação e mobilidade
- Elaboração de currículos interculturais
- Desenho de programas conjuntos com a IES parceira
- Preparação acadêmica dos estudantes e professores envolvidos

Fonte: Stallivieri, L. Tese de doutorado, 2010

Proposições apresentadas

2. Nível Administrativo

- Informação sobre os sistemas de educação superior
- Informações e harmonização com os documentos trazidos do Exterior
- Capacitação da equipe para entendimento de documentos redigidos em línguas estrangeiras
- Harmonização dos sistemas de créditos e equivalências (Ex. ECTS)
- Harmonização nos sistemas de avaliação
- Flexibilização nos sistemas de carga horária

Proposições apresentadas

3. Nível Linguístico

- Melhoria nos níveis de comunicação identificado pelo estudante no país de origem e no país anfitrião
- Oferta de cursos de línguas através de Programas próprio d ensino de línguas estrangeiras
- Utilização de sistemas únicos internacionais de avaliação do nível de conhecimento linguístico
- Preparação para a adaptação linguística, diante de diferentes falares locais
- Sensibilização sobre a importância do domínio de línguas estrangeiras
- Sensibilização sobre o aprendizado de outra língua

Fonte: Stallivieri, L. Tese de doutorado, 2010

Proposições apresentadas

4. Nível Intercultural (1)

- Atividades de interação com a cultura estrangeira
- Desenvolvimento de habilidades para lidar com o desconhecido
- Simulação de situações de stress cultural
- Preparação para lidar com o stress cultural reverso
- Desenvolvimento de habilidades para aceitação diferentes hábitos
- Desenvolvimento das capacidades interculturais de flexibilidade, tolerância, aceitação do diferentes
- Desenvolvimento da comunicação verbal/não verbal
- Disponibilização de informações sobre os hábitos, crenças e valores de outras culturas
- Desenvolvimento de treinamentos interculturais

Fonte: Stallivieri, L. Tese de doutorado, 2010

Proposições apresentadas

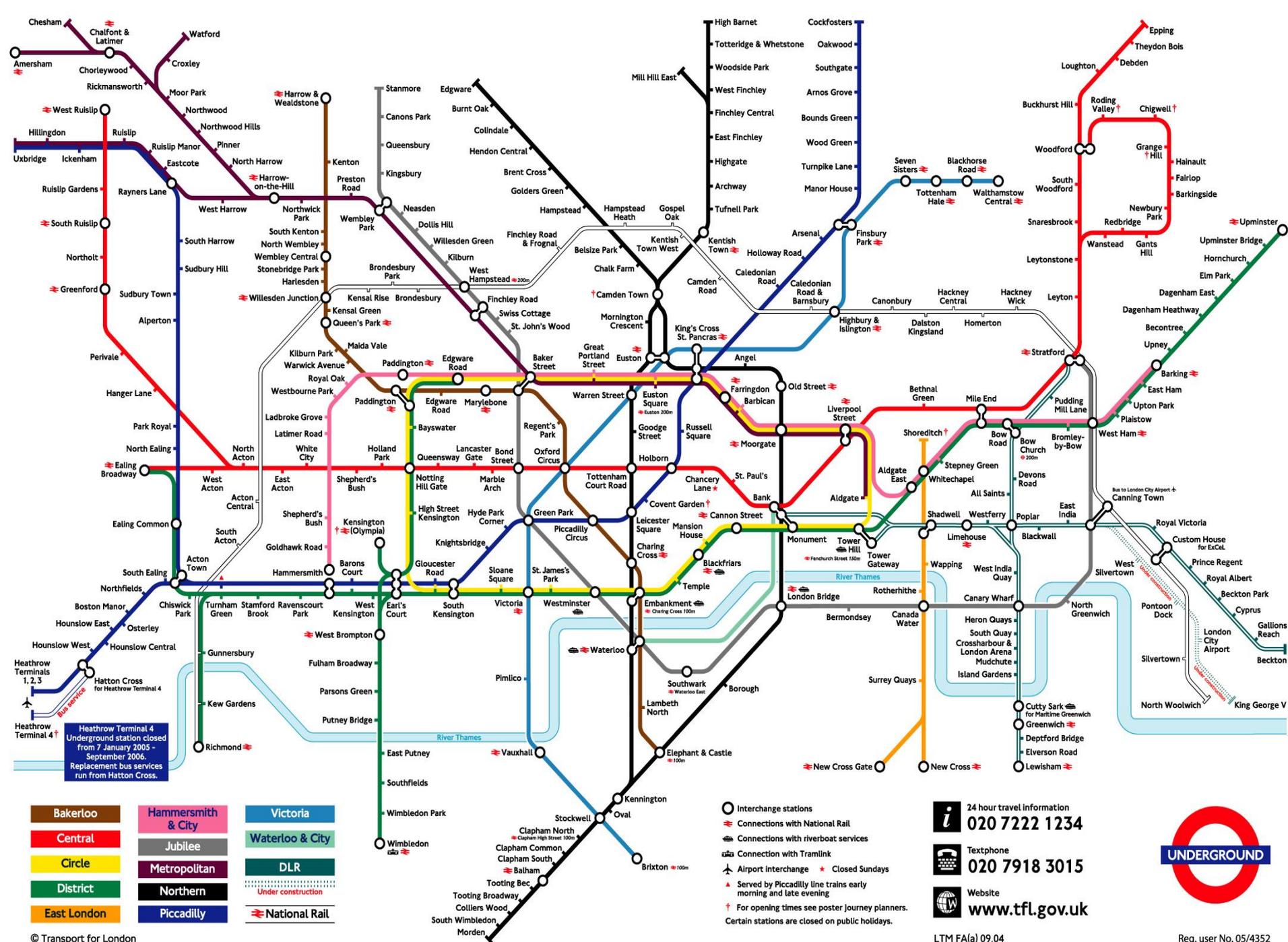
4. Nível Intercultural (2)

- Desenvolvimento de currículos interculturais
- Oferta de disciplinas de línguas estrangeiras em cursos de graduação
- Oferta de disciplinas de comunicação intercultural para os cursos de graduação
- Discussões sobre os processos de internacionalização
- Sensibilização de coordenadores e de professores sobre o tema da comunicação intercultural
- Capacitação de gestores sobre o tema da inteligência cultural
- Reuniões de orientação pré-embarque aos intercambistas
- Atividades linguísticas específicas

Internacionalização



“Para internacionalizar, não é necessário planejar, pois as ações de cooperação devem ser espontâneas.”



 24 hour travel information
020 7222 1234
 Textphone
020 7918 3015
 Website
www.tfl.gov.uk



Internacionalização

A internacionalização se refere a um processo de **mudanças organizacionais**, de inovação curricular, de desenvolvimento profissional do corpo acadêmico e da equipe administrativa, de desenvolvimento da mobilidade acadêmica com a finalidade de buscar a excelência na docência, na pesquisa e em outras atividades que são parte da função das universidades.

(Rudzki, 1998)

SE UM OVO...

***Se rompe por uma
força exterior, a
vida termina...***



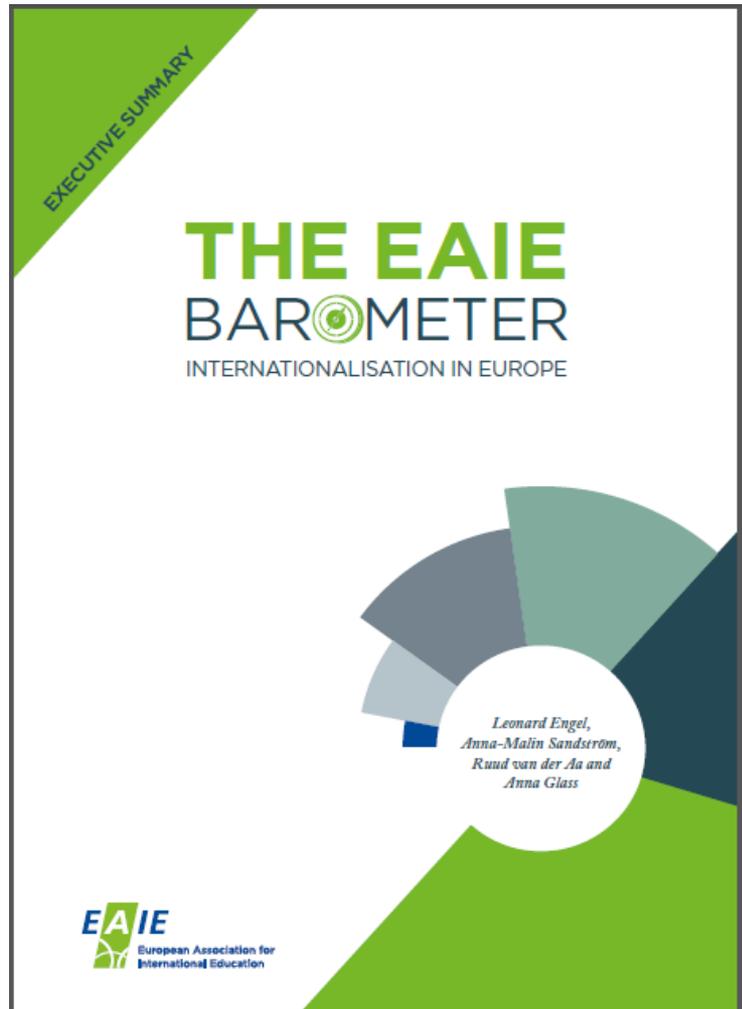
***Se rompe pela força
interior, a vida
começa...***



***As grandes mudanças na vida começam
de dentro para fora!!!***



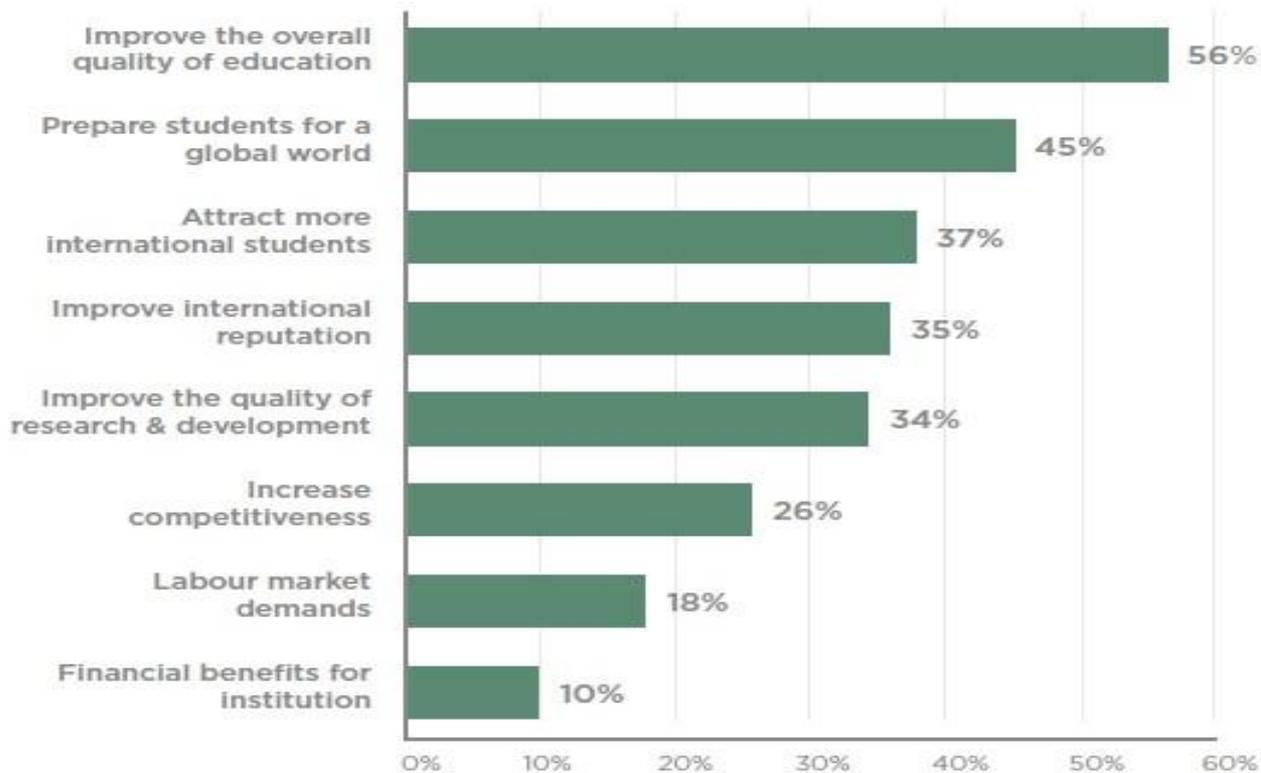
The EAIE Barometer - 2014



The EAIE Barometer - 2014

Figure 2

Most important reasons to internationalise (multiple answers possible) (N=1501)

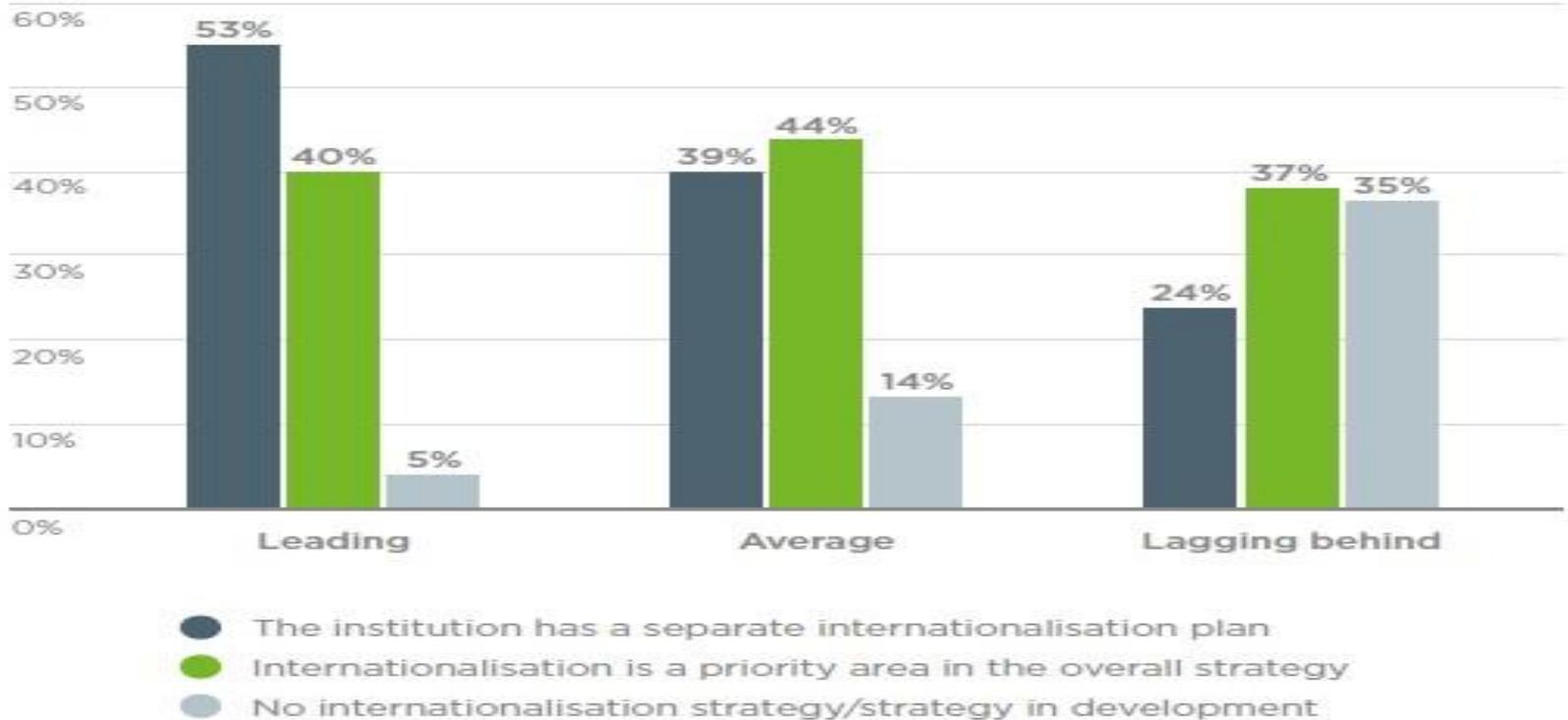


2 Respondents were asked to rank their higher education institution as leading, average or lagging behind in comparison to other institutions in their country with respect to internationalisation.

The EAIE Barometer - 2014

Figure 3

Presence of internationalisation strategies by level of internationalisation (N=1539)

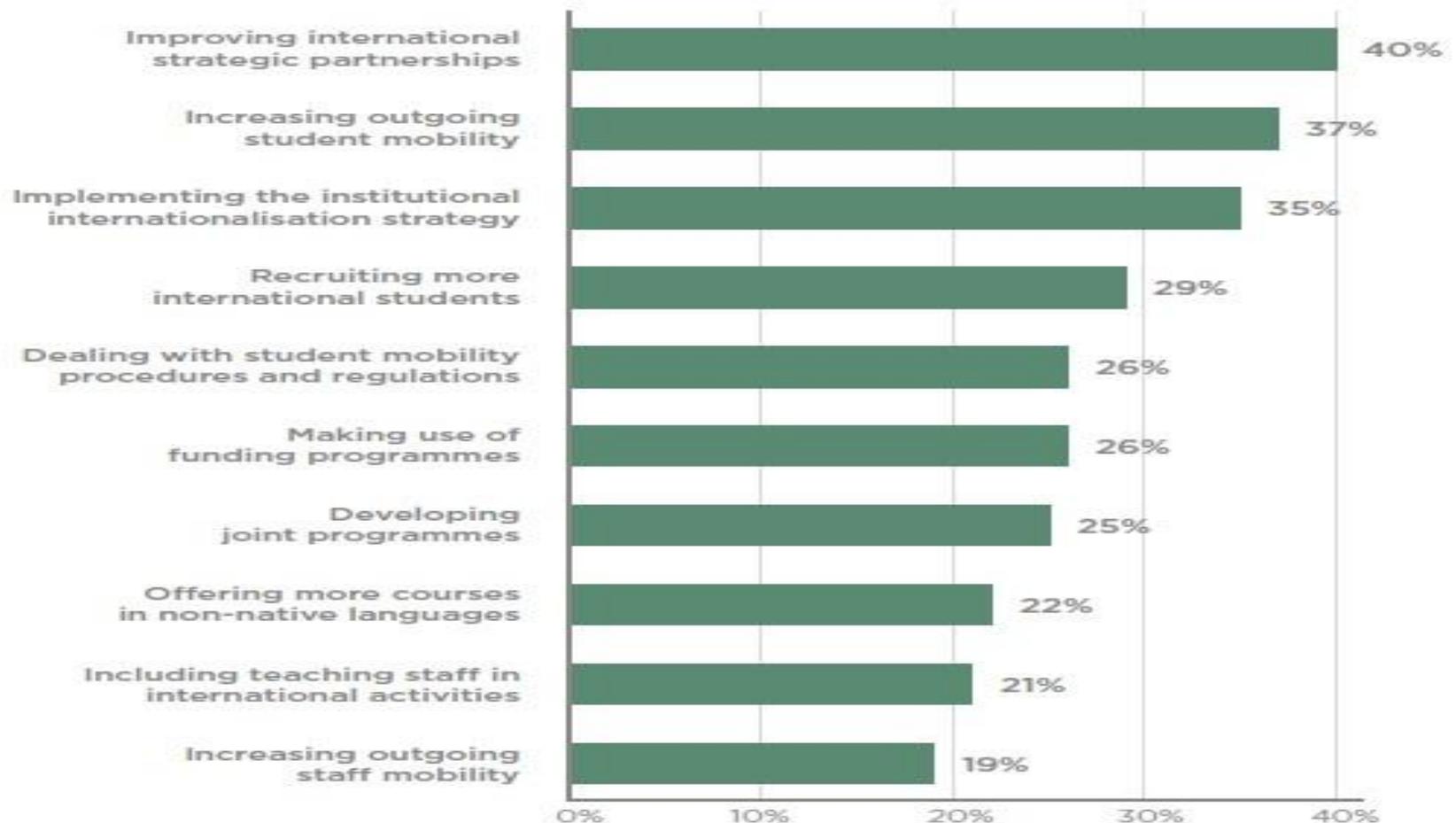


*These differences are statistically significant ($p < 0.05$)

The EAIE Barometer - 2014

Figure 6

Main challenges in daily work for internationalisation staff (multiple answers possible) (N=1771)



Internacionalização



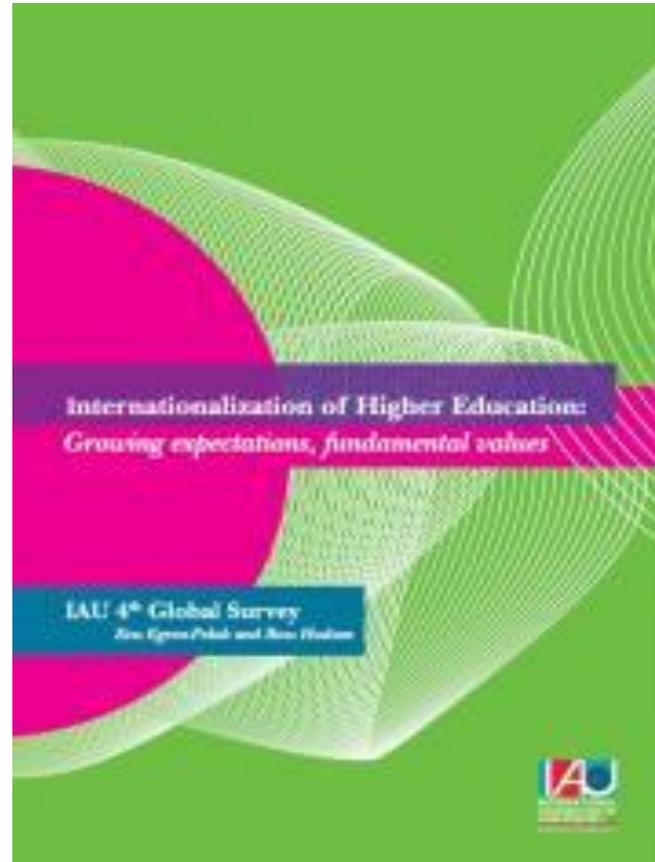
“Jamais conseguiremos internacionalizar a nossa IES pois não está no Plano de Desenvolvimento Institucional.”

Internationalization of Higher Education

Growing expectations, fundamental values

172

- Publicado em Abril de 2014.
- Respostas de 1,336 instituições de educação superior em 131 diferentes países.
- Participação: European Commission, British Council, NAFSA: Association of International Educators, and the European Association for International Education (EAIE) and Advisory Committee of experts.



Some highlights of the report include:

- Instituições do mundo todo estão **priorizando a internacionalização.**
- Mais da metade dos respondentes informaram que a instituição **possui uma política** ou estratégia de internacionalização.
- 22% informaram que **estão elaborando** as políticas de internacionalização.

Some highlights of the report include:

- Apenas 15% indicaram que a internacionalização **faz parte da estratégia institucional.**
- Mobilidade estudantil e pesquisas com colaboração internacional são as ações de cooperação internacional com a **mais alta prioridade.**

Some highlights of the report include:

- Conhecimento estudantil sobre **questões internacionais** está entre os maiores benefícios com a internacionalização.
- Entre os maiores riscos com a internacionalização está a questão das oportunidades internacionais estar **disponível apenas para estudantes de alta renda e classe social**.
- Forte preocupação com a comercialização da educação.

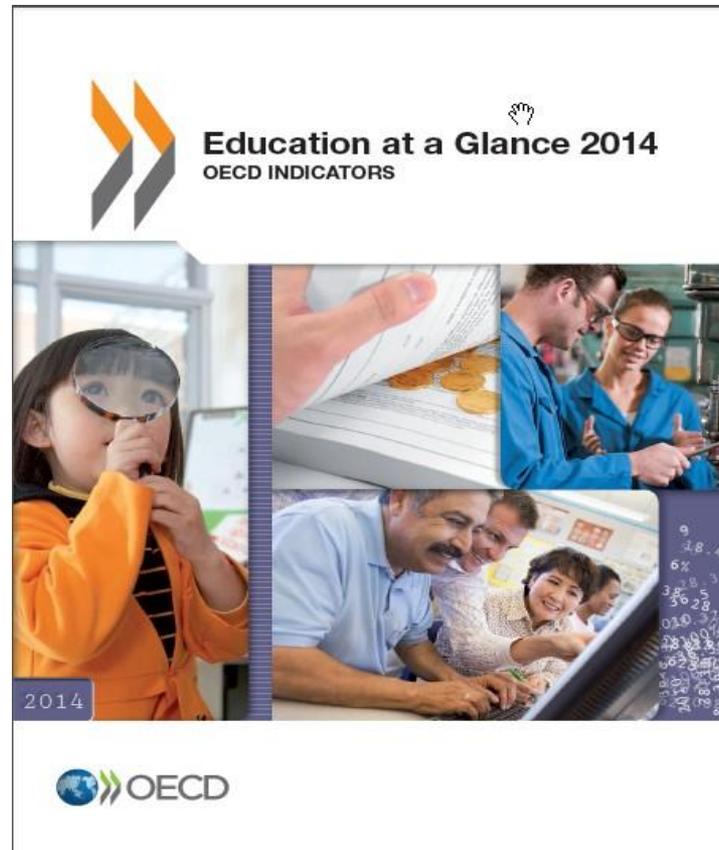
Some highlights of the report include:

- Foco geográfico para sua **própria região**. Europa é o foco mais forte.
- Obstáculo para o avanço da internacionalização: **limitação de recursos**.
- **Promover valores** como equidade e compartilhamento de benefícios através das estratégias e atividades de internacionalização.

The State of Higher Education - 2014



Education at a Glance - 2014



Desafios para a Gestão da Cooperação Universitária Internacional



Definição clara do que se quer

Definição das razões que conduzem a internacionalização

Clareza de que a internacionalização deve respeitar as características da Instituição

Entendimento de que as ações de cooperação internacional são proporcionais à capacidade da Instituição de realizá-las

Princípios para o plano de internacionalização



Os processos de internacionalização requerem políticas ativas que definam objetivos e estratégias para alcançá-los.

A internacionalização está associada a mudanças culturais e institucionais que precisam de acompanhamento contínuo por parte das autoridades acadêmicas.

A combinação adequada das políticas, instrumentos e capacidades de gestão são uma garantia para avançar no processo de internacionalização de uma universidade.

Desafios para a Internacionalização



Decisão por parte dos dirigentes da universidade.

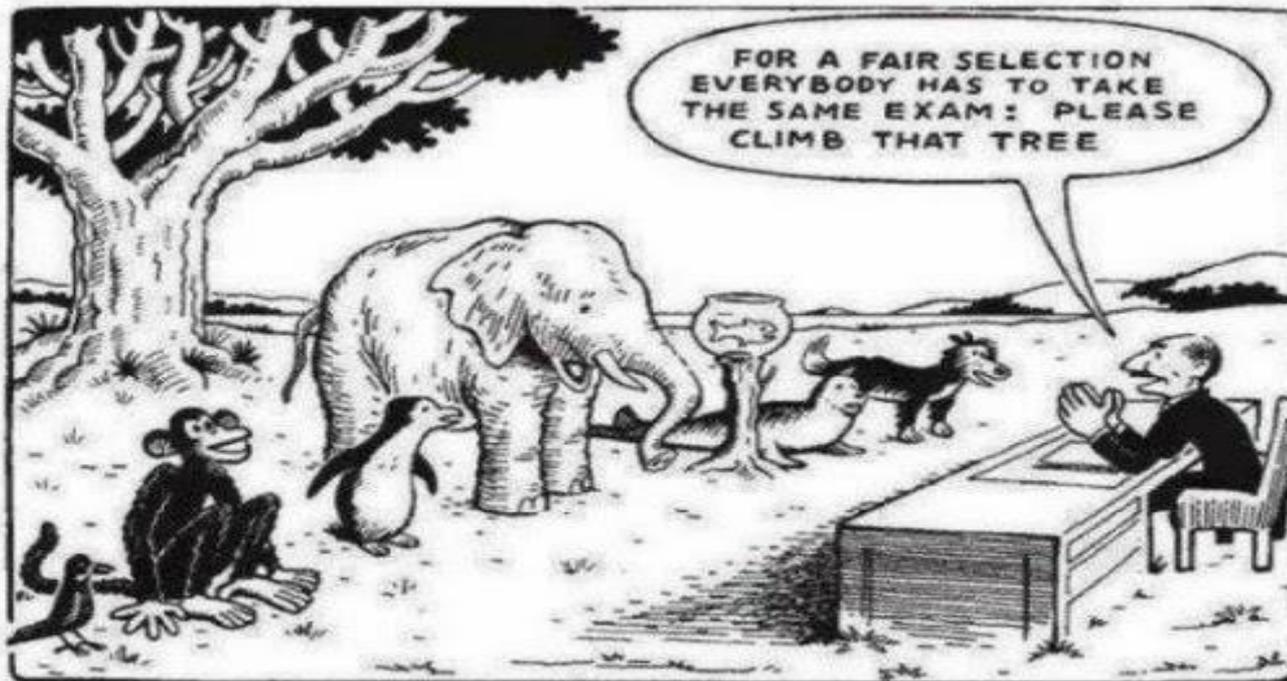
Constituição de um comitê responsável pelo processo de internacionalização.

Elaboração de um diagnóstico sobre o estágio de internacionalização da instituição.

Definição dos objetivos prioritários para a internacionalização.

Elaboração de um plano de ação para o estabelecimento do processo de internacionalização institucional.

One size fits all!



Our Education System

Desafios para a Internacionalização



Identificação das parcerias e dos contatos já existentes (convênios ativos, convênios existentes mas inativos) (contatos individuais dos professores e dos investigadores, contatos institucionais).

Identificação das filiações a redes, associações, organismos internacionais (ativos, inativos).

Levantamento da mobilidade já existente.

Levantamento das dificuldades internas e externas.

Levantamento de potenciais interessados já disponíveis na instituição.

Identificação de fontes de financiamento disponíveis.

Planos de ação para a Internacionalização

- Justificativa do plano de ação;
- Objetivos para a cooperação internacional;
- Âmbitos e modalidades da cooperação;
- Metas e indicadores do cumprimento do plano;
- Instrumentos para a cooperação;
- Financiamento;
- Gestão do plano;
- Difusão dos resultados;
- Avaliação dos impactos.



Planos de ação para a Internacionalização

Caracterização da instituição;
Caracterização da unidade gestora da cooperação internacional;
Estratégias para a cooperação internacional;
Atividades de cooperação internacional;
Financiamento para a cooperação internacional;
Resultados e impactos da cooperação internacional;
Debilidades ;
Mudanças necessárias.

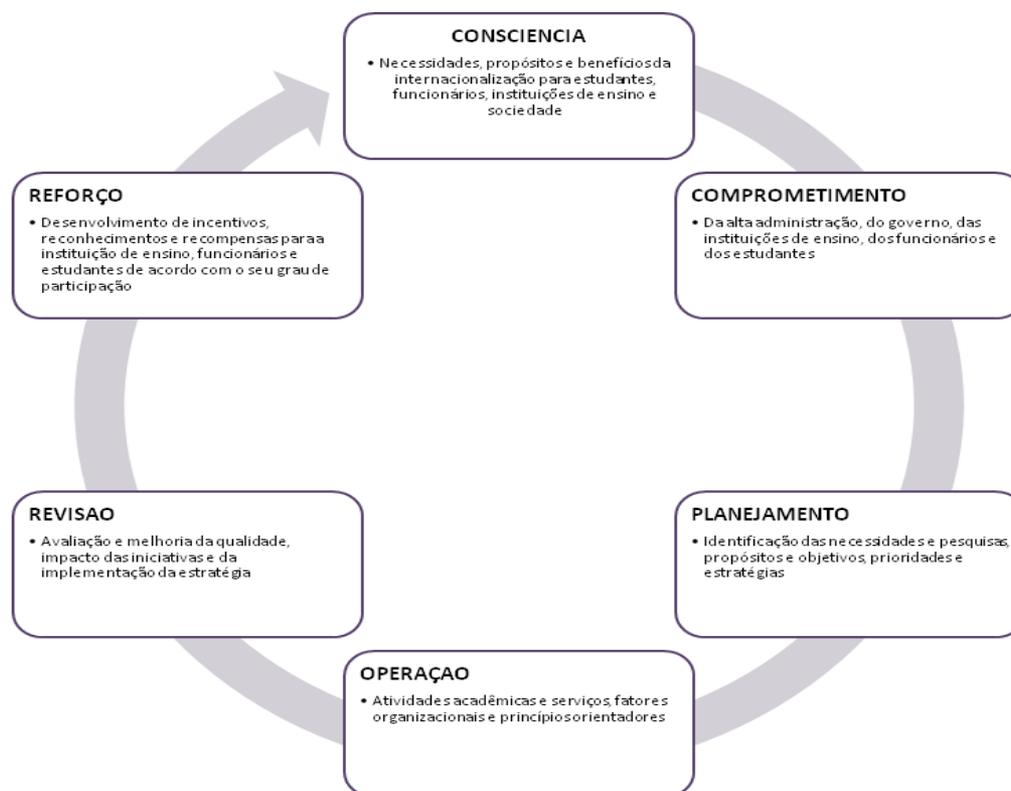
*Well done is better
than well said.*

Internacionalização

A internacionalização se refere a um processo de **mudanças organizacionais**, de inovação curricular, de desenvolvimento profissional do corpo acadêmico e da equipe administrativa, de desenvolvimento da mobilidade acadêmica com a finalidade de buscar a excelência na docência, na pesquisa e em outras atividades que são parte da função das universidades.

(Rudzki, 1998)

Ciclo da Internacionalização



Fonte: Strategies for Internationalization of Higher Education: Historical and Conceptual Perspectives - Jane Knight e Hans de Wit (2007)

Stages of Internationalization in Higher Education Institutions

Zero stage:

Internationalization

as a marginal activity

- There are some free movers
- Internationalization is na exotic and status phenomenon – some important actors in the organization travel to congresses
- Foreign languages are taught

Fonte: Söderqvist, Minna. The internationalization and strategic planning of higher education institutions. Helsinki School of Economics. 2007

Stages of Internationalization in Higher Education Institutions

First stage

Student mobility

- Awareness of the need to internationalize
- Commitment to planning and implementing different programs enhancing the mobility of students
- Creation of international offices to take care of the routines of student mobility
- Internationalization is taken as an end in itself
- ECTS becomes an important tool to facilitate counselling and the acknowledgement of foreign students

Fonte: Söderqvist, Minna. The internationalization and strategic planning of higher education institutions. Helsinki School of Economics. 2007

Stages of Internationalization in Higher Education Institutions

Second stage

- Awareness of teachers to internationalize in order to make the internationalization of the curriculum and research as possible
- Organizing teacher mobility
- Internationalization taken as a mean to enhance the quality of education
- Different ways to internationalize the curriculum
- Nomination of international coordinators to take care of curriculum and research internationalization

Fonte: Söderqvist, Minna. The internationalization and strategic planning of higher education institutions. Helsinki School of Economics. 2007

Stages of Internationalization in Higher Education Institutions

Third stage:
Institutionalization of
internationalization

- Internationalization is given a strategy and structure
- Networking both through cheap travel and new ICT; partnerships and strategic alliances
- The quality of internationalization is receiving more attention
- **Multiculturalism**
- Nomination of an international manager

Fonte: Söderqvist, Minna. The internationalization and strategic planning of higher education institutions. Helsinki School of Economics. 2007

Stages of Internationalization in Higher Education Institutions

Fourth
stage: commercializing
the outcomes of
internationalization

- Exporting education services
- Franchising education services
- Joint ventures
- Strategic alliances
- Creation of organs to promote commercialization

Fonte: Söderqvist, Minna. The internationalization and strategic planning of higher education institutions. Helsinki School of Economics. 2007

Internacionalização



*“É possível internacionalizar
sem recursos destinados
para tal fim.”*

Internacionalização



*“As ações de internacionalização
devem ser de responsabilidade
da Assessoria de Relações
Internacionais.”*

Calificaciones comunes a todos los Directores de Relaciones Internacionales

CALIFICACIONES COMUNES A TODOS LOS DIRECTORES DE RELACIONES INTERNACIONALES.

Como miembros de una profesión, los Directores de Relaciones Internacionales, comparten un set de objetivos profesionales común a todos los individuos, sin importar sus especializaciones personales. Estos son:

- a** Desempeñar todas las responsabilidades profesionales al mejor nivel de sus habilidades individuales.
- b** Ser un miembro activo de la profesión y trabajar hacia su total desarrollo.
- c** Promover y compartir los objetivos de la educación internacional.
- d** Continuar permanentemente su desarrollo y perfeccionamiento profesional.
- e** Aceptar y practicar el código de Ética Internacional para Educación Internacional. Se recomienda usar el de NAIESA.
- f** Reconocer los límites de su propio conocimiento.
- g** Participar frecuentemente de importantes experiencias interculturales, y aprender otros idiomas.

- h** Establecer un *net working* y compartir apropiados conocimientos con otros profesionales.
- i** Promover el ingreso a la profesión de personas de todas las profesiones y ser mentores (tutores) de los nuevos en la profesión.

Ciertas actividades compartidas también distinguen a los Directores de Relaciones Internacionales y llenan al individuo en busca del perfeccionamiento profesional adicional. Estas son:

- a** Conciencia de sus valores individuales y su relación con sus responsabilidades profesionales.
- b** Apertura para creatividad e innovación en la práctica de la responsabilidades profesionales.
- c** Respeto por los diferentes *backgrounds* y puntos de vista de nuestros colegas.
- d** Una responsabilidad y deseo para compartir la "expertise" profesional.

Todos los Directores de Relaciones Internacionales tienen *background* académico o un *background* por la experiencia, las que son muy variados pero que son apropiadas para sus responsabilidades profesionales. Ciertos conocimientos y habilidades son también

Calificaciones comunes a todos los Directores de Relaciones Internacionales

comunes a todos los miembros de esta profesión. Los Directores de Relaciones Internacionales debemos demostrar:

- a** Conocimiento de la Misión de nuestra Universidad y de su plan estratégico.
- b** Habilidades para funcionar en una institución.
- c** Comprensión del rol y estructura de los programas internacionales de la Universidad.
- d** Habilidades para manejar personal y presupuesto.
- e** Conocimiento de tecnologías relevantes.
- f** Habilidades para consejería y asesoría educacional internacional.
- g** Conocimiento de recursos para desarrollo y perfeccionamiento profesional.
- h** Comprensión de la historia, filosofía y estructura de la Educación Superior en Chile, América y Europa, a lo menos.
- i** Conocimientos de cultura, geografía, política, historia y economía de otros países.
- j** Conocimiento de valores culturales y su efecto en interacciones con personas y grupos.
- k** Habilidades de comunicación intercultural.
- l** Conocimiento de otras lenguas.
- m** Conciencia y conocimiento de cómo cultura y lenguaje influyen en los estados de aprendizaje.
- n** Conocimiento de los procesos de ajustes culturales.
- o** Conocimiento de mecanismos de financiamiento, recursos y posibilidades.
- p** Conocimiento de regulaciones para visas, seguros médicos y costo de vida.
- q** Habilidades para planificar, negociar y "vender".
- r** Entender el valor del tiempo en otras culturas.
- s** Comunicar, Comunicar, Comunicar.

O que é internacionalização?
Por que surge a internacionalização?
Para que internacionalizar?
Quem são os atores da internacionalização?
Quando ocorre a internacionalização?
Como internacionalizar?
Onde ocorre a internacionalização?
Por onde começar...



Reflexões

- Como definir o melhor modelo de internacionalização?
- Como assegurar o envolvimento do **corpo docente**?
- Como sensibilizar o corpo docente e discente sobre a importância de participar da internacionalização?
- Como escolher o que é mais adequado para o perfil da minha Instituição?



Reflexões

- Como assegurar a qualidade do que estamos fazendo no contexto da Internacionalização?
- Como nos tornarmos mais atrativos ou players mais importantes no cenário da educação mundial?
- Onde temos que avançar rapidamente?
- Como podemos nos preparar melhor?
- *Change the language and we are international?**

**Profa. Elisabeth Gama*

Fernando Sabino

O encontro marcado

Ele faria da queda um passo de dança,
do medo uma escada, do sono uma ponte,
da procura um encontro.

Romance

69ª EDIÇÃO



De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.

